

A ILHA

SUPLE
MENTO
LITE
RÁRIO

Florianópolis, SC – Março/2022 – No. 160 – Edições A ILHA – Ano 41



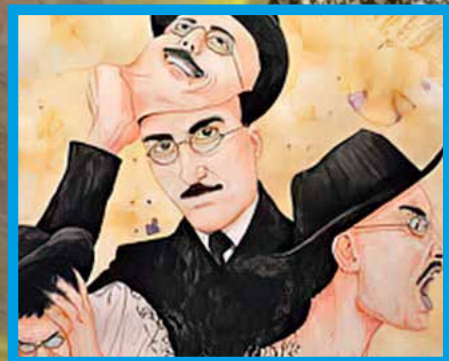
**CENTENÁRIO DA
SEMANA DE
ARTE MODERNA
DE 22**

AUTOPUBLICAÇÃO

**ENÉAS
ATHANÁZIO:
60º LIVRO**

**MILTON HATOUM
POR ELE MESMO**

**SAUDADES
DE JÚLIO
DE QUEIROZ**



**FERNANDO PESSOA
E SEUS OUTROS 'EUS'**

A ILHA

SUPLE
MENTO
LITE
RÁRIO

EDITORIAL

SEMPRE LITERATURA: ESCREVER, LER, PUBLICAR

Então, com pandemia ou sem pandemia, continuamos o nosso trabalho de divulgar a literatura que está sendo produzida por nossos escritores, mesmo que ela tenha como tema esses tempos inusitados, tão difíceis, ou até porque as nossas letras têm o objetivo principal de registrar a passagem do ser humano pelo mundo. E enfrentar uma pandemia de uma doença que nem sequer conhecemos direito é uma aventura um tanto quanto trágica, uma experiência pela qual não esperávamos passar. Mas havemos de sair mais fortes dela.

Esperando buscar inspiração no passado, para produzirmos a literatura contemporânea, comemoramos a Semana de Arte de 22, com uma ampla reportagem, revisitando aquele evento tão importante para a cultura brasileira. Também relembramos o grande escritor Júlio de Queiroz que, aliás, nunca deixou de estar vivo através da sua grandiosa obra. Também falamos da autopublicação, tão em voga, aproveitando as tecnologias que temos atualmente a nossa disposição. Já não é tão difícil publicar. O difícil, agora, é ser lido. Mas o que é bom, prevalece.

Relembramos a eterna Cora Coralina e revelamos tudo sobre o outros “eus” de Fernando Pessoa, o maior poeta português. Muita poesia e muita prosa, nesta edição da nossa revista, inclusive com interessantíssimas entrevistas com Milton Hatoum e Enéas Athanázio.

Esperemos que você, leitor, goste desta edição do Suplemento Literário A ILHA. Nosso objetivo final é fazer uma revista literária que corresponda aos anseios do leitor. Se você tiver alguma preferência, contate conosco: revisaolca@gmail.com. Até a próxima edição.

O Editor

EXPEDIENTE

SUPLEMENTO LITERÁRIO A ILHA – Edição 160 – Março/2022 – Ano 41
Edições A ILHA – Contato: lcaescritor@gmail.com e revisaolca@gmail.com
A ILHA na Internet: Portal PROSA, POESIA & CIA.: <http://www.prosapoesiaecia.xpg.com.br>

Os textos assinados não refletem, necessariamente, a opinião da revista.



NOSSO RIO

**LUIZ CARLOS AMORIM –
LISBOA**

*A alegria é um dom
Que emana de anjos de luz
Como nosso menino Rio,
De sorriso encantador,
De riso sonoro e límpido,
O som divino da vida.
Três anos de felicidade
Completa o nosso Rio,
Essa alma abençoada
Que veio trazer o sol,
Que veio trazer calor,
Que veio trazer a luz
A iluminar nossas vidas,
Nós que o esperamos
Ansiosos há tanto tempo.
Parabéns, menino Rio,
Do sorriso escancarado
Dos olhos negros brilhantes,
Faróis a mostrar caminhos.
Menino das mãos curiosas
E dos pés rechonchudos,
A ensaiar passos largos.
Você é a vida viva
Pra renovar este mundo,
Um grande Rio de água clara,
Mansa e forte ao mesmo tempo.
Rio de ondas de carinho,
Corredeiras de emoção.*



SAUDADES DE JÚLIO DE QUEIROZ

LUIZ CARLOS AMORIM – LISBOA

Dia 18 de fevereiro o nosso querido escritor JÚLIO DE QUEIROZ estaria de aniversário. Somos vizinhos de aniversário, o meu é no dia 16. O céu deve estar em festa, ele comemorando com Quintana, Coralina, Pessoa, Drummond e outros grandes poetas como ele. E nós comemoramos também o amigo sempre presente em nossos corações.

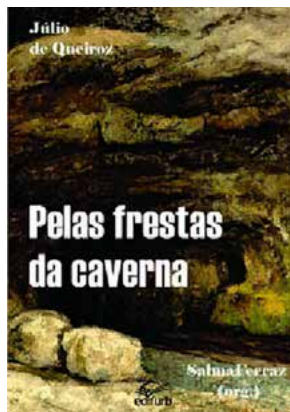
Saudades deste grande escritor brasileiro e grande amigo. Tínhamos encontros semanais em cafés de Florianópolis, simplesmente para conversarmos com ele, eu e mais outros escritores e leitores, para ouvi-lo contar, com a sua imensa sabedoria, histórias de vida, com toda a simpatia, conhecimento e cultura que tinha. Faz muita, muita falta não poder



ouví-lo mais contar as suas histórias de realizações, de experiência na literatura e em tantos outros ramos de atividades, da sua carreira diplomática e literária, da sua trajetória pelo mundo. Ainda bem que temos a sua lavra, magistral, na qual ele continua e continuará sempre mais vivo do que nunca.

Fui ao último lançamento de Júlio – não esperava que fosse o derradeiro - no dia 29 de maio de 2014. O auditório da Academia Catarinense de Letras estava lotado de leitores, amigos e admiradores daquele que foi um

dos maiores, senão o maior escritor de Santa Catarina, sem nem mesmo ser catarinense. E continua sendo. Aliás, eu o naturalizei catarinense em um artigo bem antes que ele se fosse, pois ele chegou em nosso Estado há mais de quarenta anos, encantou-se com esta Ilha capital e nunca mais saiu daqui. Por isso, não há como não considerá-lo catarinense. Júlio apresentou, naquela noite, nada menos que quatro novos livros: “Em companhia da solidão” e “Amor e mor-



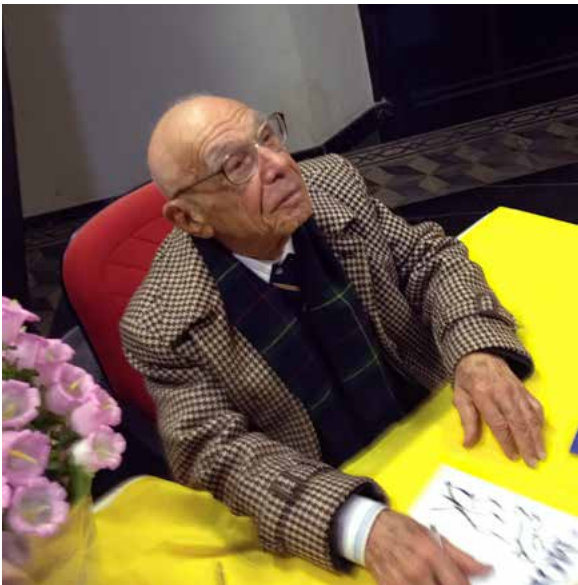
te – os dançarinos da vida”, os dois de contos, e “Pelas frestas da caverna”, obra que reúne suas palestras, discursos esparsos e dispersos em jornais, vídeos, etc. São, conforme a própria organizadora afirmou, ensaios com marca de literatura e poesia, que trazem reflexões filosóficas, teológicas, éticas, na tentativa de entender o homem, a literatura, este mundo e sua complexidade. Sem esquecermos o quarto livro, “A mu-

lher na Humanidade”, ensaio dos mais interessantes sobre a figura feminina. Fui abraçar Júlio e parabenizá-lo pela obra lançada, claro. Os dois livros de contos eu já havia lido, pois ele mandou entregar-me na porta da minha casa, assim que saíram do prelo. São obras primas do talentoso amigo escritor. Então queria conhecer o de ensaios, “Pelas Frestas da Caverna”, que era novidade para mim, pois ele, Júlio, nem fala-

ra dele em nossas conversas, quando nos encontrávamos semanalmente para conversar, acho que queria fazer surpresa. E fez.

Assisti à sessão solene da Academia, em homenagem ao Júlio, fiquei para o coquetel, revi amigos e conheci escritores que eu não conhecia ainda pessoalmente e depois fui embora, pois queria abrir o novo livro e saber o que ele continha, pois vindo de Júlio de Queiroz, só podia ser coisa muito boa.

E comecei a ler “Pelas Frestas da Caverna” e a expectativa só se confirmou: é muito bom. E a surpresa: o livro fecha com uma “Homenagem a Júlio de Queiroz”. Assinada por quem, adivinhem? Pois então, por este que vos escreve. A organizadora achou um artigo que escrevi quando da entrega do Prêmio





Vilson Mendes de Literatura, pela Academia Desterrense de Letras, em 2012, e publicou. O artigo falava do meu constrangimento por ter perdido a homenagem a Júlio, por ter confundido a data. E mencionava a minha admiração ao amigo e grande escritor, pessoa humana incrível, homem culto e carismático. Que faz uma falta imensa hoje em dia e continuará fazendo. Ainda bem que temos a sua obra para revivê-lo.

LITERATURA MAIÚSCULA

Foi uma coincidência e tanto, mas é assim mesmo que

as coisas acontecem. Urda, minha amiga-irmã escritora de Blumenau, que agora vive em Enseada de Brito, em Palhoça, pertinho de Floripa, seu paraíso particular, me falava, outro dia, com entusiasmo e admiração, de um escritor confrade seu, da Academia Catarinense de Letras. E então eu enviei a nossa revista literária A ILHA e um livro meu e ele havia contatado comigo através de um e-mail, dizendo que tinha gostado do conteúdo da publicação e do livro.

Se Urda gostava dele, não havia dúvida de que era boa pessoa. Então respondi,

mandei outros livros, e pedi a ele que me enviasse alguns seus, pois eu tinha apenas dois. Falo do escritor Júlio de Queiroz, que eu não conhecia pessoalmente ainda, mas isso não ia demorar a acontecer, pois ele me mandou fotos do seu jardim japonês e me convidou a conhecê-lo.

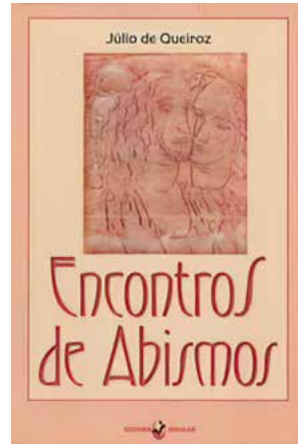
Então comecei a mergulhar na obra do excelente escritor. Já havia lido dois livros de poemas, “Sementes do Tempo” e “Baú de Mascates” e fiquei impressionado. Livro de poesia a gente pode ler aos pedaços, mas os livros mencionados eu comecei e não pude parar até terminá-los. A poesia de Júlio não é o feijão com arroz com o qual estamos acostumados. Não é à toa que Dom Hildebrando de Melo, na orelha de “Sementes do Tempo”, diz que o poeta lhe

lembra Mario Quintana: seus epigramas “críticos, elegantes, jamais amargos – seu desvendar de alma se insere na mais genuína tradição da poética cristã”.

Trata-se de uma poesia singular, abordando temas por vezes não comuns na poesia, de maneira única, aguçando a curiosidade do leitor, aticando-o a acompanhar o poeta para ver onde ele vai levar-nos com aquele ritmo cadenciado e musical, com aquelas figuras belíssimas e originais, com aquele conteúdo profundo, mostrando-nos

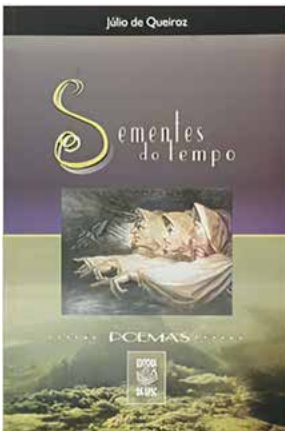
a realidade e a existência humana por ângulos os quais não nos tinha sido dado ver, ainda.

É difícil, para mim, apontar este ou aquele poema, pois verdadeiramente todos os poemas de Júlio são grandes poemas e merecem destaque. Mas uma coisa me chamou a atenção: nunca gostei de poemas encadeados, séries deles sobre um mesmo tema. Mas nosso poeta faz isso e faz muitíssimo bem. A gente lê o primeiro, que nos encanta, e já pulamos para o segundo, para verificar que o autor consegue se superar, e assim sucessivamente. Aconteceu com a série “Vocabulário inicial do infante”. São cinco poemas. O primeiro começa assim: “Primeiramente, as coisas não me são nada. / Depois da expulsão da água morna – minha única



saudade -, / um ser macio, de cinco pontas, / cheio de vida cuidadosa e tateante, / quase sempre acompanhado de um outro, tão lhe igual”... Um verdadeiro tributo à vida e à boa poesia.

Outra série grande de poemas, com versos sentidos e doloridos é “Simetria Quebrada”, dedicada a Sílvio, filho de Júlio falecido em 92: poderia ser apenas uma coleção de poemas tristes, mas não é: são canções de amor, de carinho e de saudade. Um pequeno trecho que não dá a ideia da grandiosidade



dos poemas em homenagem ao filho: “Meus vivos são sempre tão vivos, / tão palpitantemente fogo forte, / que, ao morrer, levam de roldão / suas vidas, muito do meu riso / e, de mim, sempre uma parte.” Já li os livros de

contos, “Deuses e santos como nós” e “Encontros de Abismos” e a maestria na arte de escrever é também cativante na prosa. Li os outros livros de Júlio: romances, ensaios, mais poesia e mais prosa – contos, crôni-

cas e ensaios para eu poder continuar a descoberta deste magistral Júlio de Queiroz.

Quisera ter começado a ler antes a escritura deste grande autor.

Uma pequena amostra da poesia do mestre:

NA MINHA CIDADE

JÚLIO DE QUEIROZ

*Na minha cidade, nem o caminho para o cemitério é reto.
Mas o mar, o mar, o mar da minha cidade
lava e abençoa todos na sua grandeza indiferente
e faz de minha cidade um lugar tão bonito
que seu ar é sempre fresco,
cheirando a novas sementes.*



CENTENÁRIO DA SEMANA DE 22



"Sol Poente", de Tarsila do Amaral

A Pinacoteca de São Paulo celebra os 100 anos da Semana de Arte Moderna com a mostra Modernismo – Destaques do acervo. A exposição ficará em cartaz até 31 de dezembro de 2022 no edifício Luz. A mostra é composta por mais de 134 trabalhos de autoria de artistas ligados ao modernismo, que estarão identificados com selo especial. Dentre as obras, a pintura Amigos, de Di Cavalcanti (Sala 16), que estava presente na exposição histórica da Semana de 1922 que ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo.

O público poderá conferir também Antropofagia, Tarsila do Amaral (sala 6); Auto-retrato, Victor Brecheret (sala 1); Bananal, Lasar Segall (sala 19); Casal na varanda, Cícero Dias (sala 16); Dois Irmãos, Ismael Nery (sala 15); Portado-

ra de Perfume, de Victor Brecheret (átrio de esculturas); Retrato Gofredo Silva Telles, Lasar Segalli (sala 16); São Paulo, Tarsila do Amaral (sala 10).

A Exposição Modernismo – Destaques do acervo faz parte da programação da Agenda Tarsila, iniciativa da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo que reúne eventos comemorativos, conteúdos inéditos com informações, história, curiosidades e entrevistas sobre a Semana de Arte Moderna de 1922, considerada um dos marcos mais importantes da cultura brasileira.



"Bananal", do artista Lasar Segall

A SEMANA DE ARTE MODERNA DE 22

POR LUIZA BRANDINO – SP

Marco oficial do Modernismo brasileiro, a Semana de Arte Moderna aconteceu em São Paulo (SP) e reuniu artistas das mais diversas áreas no Theatro Municipal de São Paulo ao longo dos dias 13 e 18 de fevereiro de 1922. Apresentações musicais e conferências intercalavam-se às exposições de escultura, pintura e arquitetura, com o intuito de introduzir ao cenário brasileiro as mais novas tendências da arte.

Influenciados pelas vanguardas europeias e pela renovação geral no panorama da arte ocidental, esses escritores, pintores, escultores, intelectuais e músicos uniram seus esfor-

ços para apresentar suas produções ao grande público.

Reunião das tendências estéticas que tomavam forma em São Paulo e no Rio de Janeiro desde o início do século, a Semana de Arte Moderna também revelou novos grupos, novos artistas, novas publicações, tornando a arte moderna uma realidade cultural no Brasil.

CONTEXTO HIS-

TÓRICO DA SEMANA DE ARTE MODERNA

Até o início do século XX, a escola artística tida como oficial no Brasil era o Parnasianismo. Caracterizado pelo rigor formal (preocupação com a forma do poema no que se refere à metrificação), pela proposta da “arte pela arte” e pelo academicismo e elevada erudição, o Parnasianismo havia sido a tendência





Semana teve artistas como Mário de Andrade (em pé, de terno escuro, à esquerda) e Oswald de Andrade (no chão)

estética dominante até então, especialmente na poesia, figurando em textos oficiais, como o Hino Nacional Brasileiro. Como a grande maioria das escolas estéticas, o Parnasianismo foi importado da Europa. No continente europeu, contudo, vigorava outra proposta artística. As grandes reviravoltas da Revolução Industrial haviam instituído uma nova maneira de viver, modificando completamente as relações humanas. A luz elétrica e a rapidez dos auto-

móveis e das produções fabris em larga escala transformaram a sociedade. O advento da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a destruição mortífera causada por ela também influenciaram social e filosofi-

camente os artistas do período. O início do século XX trouxe inúmeras mudanças ao modo de viver europeu; a arte, portanto, precisava acompanhar essas mudanças. Vinham à tona as vanguardas artísticas e, com elas, a consolidação da modernidade no âmbito da arte.

O Brasil, por sua vez, também começava a se modernizar. As primeiras indústrias começavam a se instalar na cidade de São Paulo e a produção de café do interior paulista gerava grandiosa





receita de exportação, transformando o estado em novo centro econômico brasileiro. Por esse motivo, a capital paulista foi o palco dos eventos da Semana de Arte Moderna, que contou com o patrocínio de diversos membros da burguesia industrial que ali se consolidava.

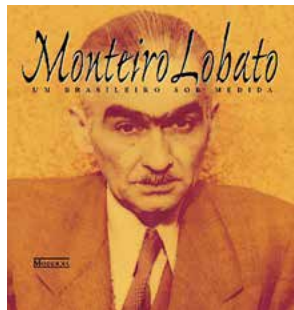
Além disso, 1922 foi o centenário da Independência do Brasil. Assim, o cenário era ideal para a renovação artística nacional, e esse foi um dos motes da Semana: a atualização intelectual da consciência nacional. O Brasil, que se transformava e se modernizava, pre-

cisava de um novo olhar artístico, sociocultural e filosófico que propusesse uma arte nacional original e atualizada, trazendo consigo um pensamento a respeito dos problemas brasileiros e da variedade cultural que se estendia por nosso vasto território.

Predecessora importante da Semana foi a Exposição de Pintura Moderna – Anita Malfatti, que ocorreu em 1917, também em São Paulo. Cinquenta e três obras da pintora foram apresentadas ao lado de obras de artistas internacionais ligados às vanguardas europeias. As telas im-

pressionaram nomes que liderariam, depois, a Semana, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia e Di Cavalcanti.

A exposição também causou grande desaprovação da crítica conservadora, em especial Monteiro Lobato, que publicou uma crítica extremamente negativa, intitulada “Paranoia ou mistificação?”. Com traços expressionistas, Malfatti trouxe ao Brasil uma nova estética, em exposição considerada o primeiro “estopim” para a idealização da Semana. As novas tendências que florescia com as vanguardas,





Anita Malfatti

grande período de experimentação do início do século XX, deram aos artistas brasileiros a possibilidade de trabalhar com novas linguagens, novos materiais e novas propostas, a fim de renovar a arte nacional. Mas, diferente do Parnasianismo, não houve uma incorporação completa dessas estéticas – não importou para o Brasil o cubismo ou o expressionismo em busca de desenvolver aqui uma escola análoga. Os artistas que iniciaram o Modernis-

mo brasileiro aproveitaram-se desses novos procedimentos e técnicas, desse rompimento com o academicismo, para reelaborar o cenário artístico nacional.

COMO FOI A SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922?

Entre os dias 11 e 18 de fevereiro, o Theatro Municipal de São Paulo permaneceu aberto para visitação. Em seu saguão, instalou-se uma exposição de pintura e escultura. Obras de Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Victor Brecheret, entre outros, escandalizaram o gosto público brasileiro,

nada acostumado às novas formas de representação propostas pelo modernismo.

Vaias, burburinhos e agitação geral só aumentaram ao longo da Semana. Além da exposição, o evento contou com três festivais, que envolviam apresentações de música, dança, declamações de poesia e conferências, acontecidos nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro. Graça Aranha, que   época já era um aclamado escritor e intelectual brasileiro, fez as honras da abertura do festival, no dia 13, com a conferência intitulada “A emoção est tica da arte mo-



Di Cavalcanti: Criador e criatura.



No início do século XX, foram os saguões e salões do Theatro Municipal que abrigaram os eventos da Semana de Arte Moderna de 1922.

derna”. Ele foi ouvido respeitosamente pelo público e declamou versos de Guilherme de Almeida e Ronald de Carvalho, acompanhado de músicas executadas pelo maestro Ernani Braga. Ainda no dia 13, o já citado poeta Ronald de Carvalho esteve à frente de sua própria conferência, de nome “A pintura e a escultura moderna no Brasil”, seguida de três solos de piano de Ernani Braga e três danças africanas de Villa-Lobos – compositor,

aliás, tachado na ocasião de “talento ainda não cultivado o bastante”, por sua música “Privada de bom senso” e “Puramente africana”. O dia 15 de fevereiro representou o auge da Semana, nos mais escandalosos



Menotti del Picchia

termos. A nova literatura provocou irritação e algazarra no público presente. Destacam-se a palestra de Mario de Andrade, cujo texto depois se tornaria a publicação *A escrava que não é Isaura*, em que o autor defende enfaticamente o abraçileiramento da língua portuguesa, e a conferência sobre a estética moderna proferida por Paulo Menotti del Picchia, que provocou os ânimos da plateia, fazendo ecoar vaias pelos quatro cantos do Theatro. Também nesse dia houve um sarau, que contou com a participação de diversos escritores, que tentavam falar no meio da gritaria da plateia. Nesse dia, Ronald de Carvalho leu o famoso poema “Os Sapos”, de autoria de Manuel Bandeira, que ridicularizava os parnasianos.



Manuel Bandeira

Leia um trecho:

OS SAPOS

MANUEL BANDEIRA

*Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.*

*Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:*

– “Meu pai foi à guerra!”
– “Não foi!” – “Foi!”
– “Não foi!”.

*O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: – “Meu cancio-
neiro
É bem martelado.*

*Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca ri-
mo
Os termos cognatos!*

*O meu verso é bom
Frumento sem joio
Faço rimas com
Consoantes de
apoio.*

*Vai por cinquenta
anos
Que lhes dei a nor-
ma:
Reduzi sem danos
A formas a forma.*

*Clame a saparia
Em críticas cétricas:
Não há mais poesia,*

*Mas há artes poéti-
cas . . .*

Mário de Andrade pronunciou também uma breve palestra, na escadaria interna do Theatro, sobre as obras de pintura. Vinte anos depois, o autor lembrou o episódio na obra *O Movimento Modernista*, comentando: “Como pude fazer uma conferência sobre artes plásticas, na escadaria do Theatro, cercado de anônimos que me caçoavam e ofendiam a valer?...”. A grande confusão da plateia só se acalmou com as apresenta-



Mário de Andrade



ções que encerraram o dia: números de dança de Yvonne Daumerie e o concerto de piano de Guiomar Novais. O evento de encerramento da Semana foi dedicado à música. Peças de Villa-Lobos foram executadas pelos diversos músicos participantes, com menos ruídos em vaias, mas não escapando às críticas feridas dos conservadores.

PRINCIPAIS ARTISTAS DA SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922:

•Arquitetos: Antonio Moya, Georg Przyrembel.

•Escritores: Afonso Schmidt, Agenor Barbosa, Álvaro Moreyra, Elyσιο de Carvalho, Graça Aranha, Guilherme de Almeida, Luiz Aranha, Mario de Andrade, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade, Ronald de Carvalho, Sérgio Millet, Tácito de Almeida.

•Escultores: Wilhelm Haarberg, Hildegardo Leão Velloso, Victor Brecheret.

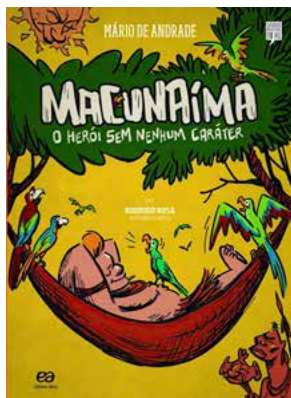
•Músicos: Alfredo Gomes, Ernani Braga, Fructuoso Via-

na, Guiomar Novais, Heitor Villa-Lobos, Lucília Guimarães, Paulina de Ambrósio.

•Pintores: Anita Malfatti, Antonio Paim Vieira, Emiliano Di Cavalcanti, Ferrignac, John Graz, Vicente do Rego Monteiro, Yan de Almeida Prado, Zina Aita.

CONSEQUÊNCIAS DA SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922

Polêmica, confusa, barulhenta, tida como “demasiado festiva” e “pouco moderna”, não se pode negar que a Semana de Arte Moderna de 1922 foi um marco, um divisor de águas no panorama artístico brasileiro. Ela escancarou as portas para uma grande liberdade no que diz respeito à produção e pesquisa estética no país, contribuindo para um florescimento intelectual e artístico. Na visão



de Di Cavalcanti, o acontecimento da Semana extrapolou o campo cultural e repercutiu também na área política.

A Semana fez o papel de divulgação da arte moderna, que, por sua vez, cultivou o terreno para a consolidação de uma revolução artística e literária que tomou forma após 1922, quando foram lançados os manifestos de Oswald de Andrade e as obras fundamentais do Primeiro Modernismo brasileiro, tais como Macunaíma (Mario de Andrade), Memórias Sentimentais de João Miramar (Oswald

de Andrade) e Ritmo Dissoluto (Mánuel Bandeira).

RESUMO DA SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922

•Aconteceu entre 13 e 18 de fevereiro de 1922, no Theatro Municipal de São Paulo;

•É considerada um marco no Modernismo brasileiro;

•Congregou artistas de diversas áreas: pintura, escultura, arquitetura, música, dança, literatura;

•Participaram, direta ou indiretamente, nomes célebres da arte brasileira, como Graça Aranha, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Ronald de Car-

valho, Mario de Andrade, Anita Malfatti, Heitor Villa-Lobos, Victor Brechret, Di Cavalcanti, Guiomar Novais, entre outros;

•Pinturas e esculturas ficaram expostas no saguão do Theatro e causaram grande escândalo ao gosto público da época;

•Conferências, sa-raus e apresentações de dança e música aconteceram em três dias do evento;

•Consolidou o ambiente propício para a publicação de diversas obras que caracterizaram a Primeira Geração do Modernismo brasileiro (Geração de 20).





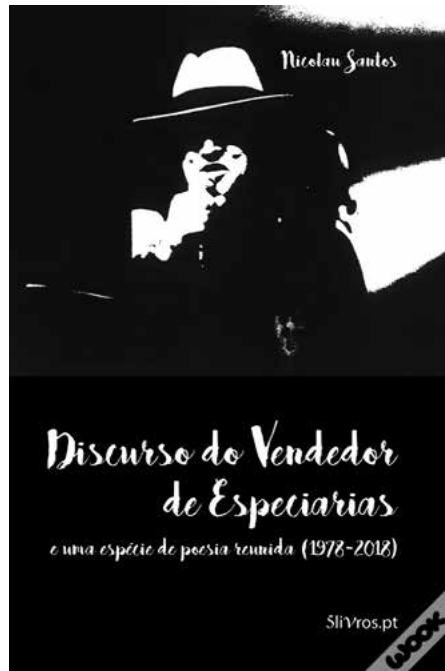
AS RUAS SÃO SÓ RUAS

NICOLAU SANTOS –
LISBOA

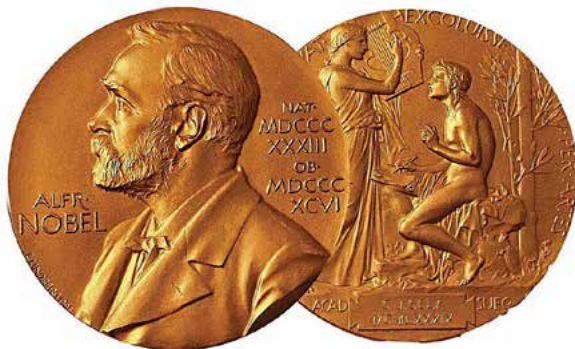
*As ruas só são ruas.
Parece que não têm explicação.
As ruas na verdade são ruas
Se ruas parecem que são.
Mas as ruas não são só ruas
Para além das ruas que são.
São as ruas de quem lá vive
E é o nome que lhes dão.
Nesse nome vai a história
De uma batalha, uma vitória
Ou também de um país amigo
Que as ruas não são um
castigo.
Os que lá moram dão fama à
rua
Que gostam porque é a sua
E os que lá passam em
turbilhão
Não procuram nenhuma
explicação.
Mas as ruas são somente ruas
Se ruas parece que são.
E os amantes adoram as ruas
Onde vive a sua paixão.
Não notam os buracos nas ruas
Nem nenhuma imperfeição.*

*Só veem flores às janelas
Até se esfumar a ilusão.
Aí passam a odiar as ruas
Como se fossem elas a traição.
Mas as ruas são somente ruas
Se ruas parece que são.*

*(do livro “Discurso do Vendedor
de Especiarias”, de Nicolau
Santos)*



ESCRITORES QUE CONCORRERAM AO NOBEL DE LITERATURA



É impossível saber se algum autor brasileiro contemporâneo foi considerado para premiação no Nobel de Literatura deste ano. Os suecos só liberam a lista de indicados (e quantos votos cada indicado recebeu) meio século após a entrega da medalha.

Se essa lógica fosse seguida fielmente, no ano de 2019 a imprensa e o público em geral ganhariam acesso aos documentos referentes ao ano de 1969. Na prática, porém, o arquivo de *nominées* do Nobel de Literatura (que você pode acessar em inglês, vai só até o ano de 1966. Melhor que o

de Medicina, que parou em 1953. Não é má vontade: dá trabalho fuçar nas gavetas lá em Estocolmo. O link é atualizado constantemente, de modo que surpresas podem aparecer a qualquer momento.

Os indicados de 1967 e 1968, embora não constem da página oficial, podem ser encontrados em dois documentos em sueco, disponíveis na internet. São justamente os papéis desses dois anos que contêm os concorrentes mais queridos do público brasileiro (e dos vestibulares, é claro). Em 1967, Jorge Amado e Carlos Drummond de

Andrade aparecem no topo da página, o primeiro com cinco indicações, o segundo com uma. Em 1968, Amado continua lá, desta vez, com três indicações, e acompanhado do gaúcho Érico Veríssimo.

Poucos dos indicados brasileiros até 1960 entraram para o imaginário popular. Autores que já tinham experiência e reputação suficientes para concorrer ao prêmio na década 1960, como Guimarães Rosa, nunca foram considerados. Também é bom lembrar que geralmente há um descompasso entre o auge da obra do autor e sua indicação. Clarice Lispector, por exemplo, que publicou seus romances e contos mais famosos na década de 1960, talvez tenha sido nomeada na década de 1970 (ela morreu em 1974). Saberemos daqui alguns anos.

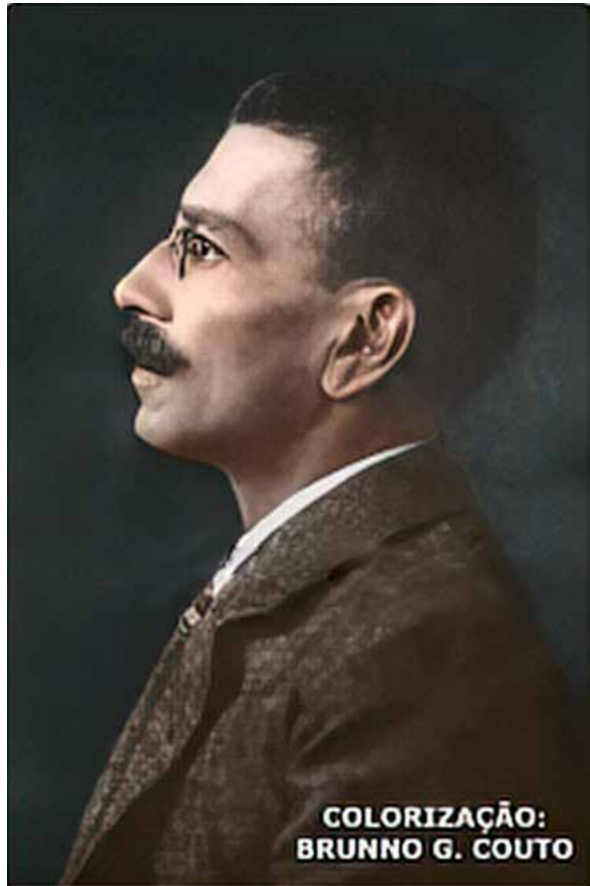


(tipo Aluísio Azevedo, autor de *O Cortiço*) e a dos modernistas da Semana de 22 (como Mário e Oswald de Andrade), pelos quais foi muito criticado. Ele não tinha lá o estilo mais acessível do mundo a um leitor contemporâneo: pintava verdadeiros qua-

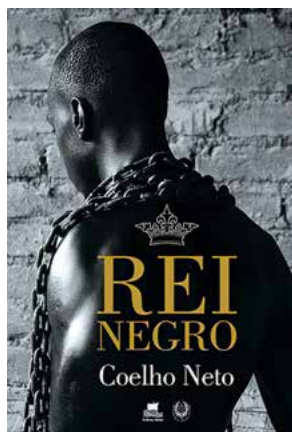
Um dos brasileiros que passou mais perto de ganhar o prêmio foi um certo Coelho Neto, maranhense que recebeu três indicações em 1933. Embora hoje seja um ilustre desconhecido, fundou e ocupou a segunda cadeira da Academia Brasileira de Letras, e foi declarado pelo periódico *O Malho* em 1928 o Príncipe dos Prosadores Brasileiros. Que pompa. Infelizmente, ele morreu um ano depois, em 1934, e tanto seu possível Nobel (que não pode ser entregue após a morte) quanto toda sua carreira caíram no ostracismo.

De acordo com o crítico literário Alfredo Bosi, da USP, Coelho foi um figurão importante

no vácuo entre a geração dos naturalistas



Coelho Neto



dros com as palavras, cheios de adjetivos e advérbios. Veja um exemplo da obra *Rei Negro* (1914):

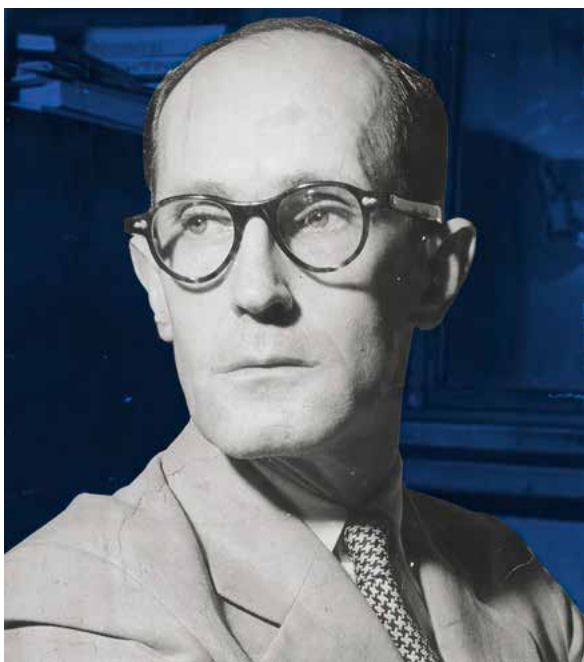
“Longínquos, com reboante fragor, tronavam trovões soturnos. (...) Cresceu a aflição das árvores, os bambuais vergavam-se em mesuras e o estrondo ribombava à fulguração sulfúrea dos relâmpagos.” Isso que é tempestade.

Outro brasileiro famoso, mas não muito, indicado em 1965 foi Alceu Amoroso Lima, que hoje dá nome a uma conhecida biblioteca no bairro de Pinheiros, em São Paulo. Ele tem uma trajetória curiosa: converteu-se ao catoli-

cismo em 1924, após vários anos de atividade intelectual sem nenhuma ligação com a Igreja. Após o golpe de 1964, foi um dos religiosos de esquerda que encabeçaram o combate à Ditadura Militar.

Por sua vez, Flávio de Carvalho, cujo nome apareceu na lista em 1939, fazia de tudo um pouco. Exponente do movimento modernista, chegou ao Brasil de um curso de engenharia civil na Inglaterra pouco após a

Semana de Arte Moderna de 1922. Ele atuou como arquiteto (seu projeto para o palácio do governo do estado de São Paulo, no bairro do Mombumbi, ficou entre os finalistas), organizou exposições de artes plásticas ousadas e devidamente censuradas, e fez uma ponta de estilista: saiu em passeata no centro de São Paulo usando um traje tropical com saia, desenhado por si próprio. Um escândalo em 1956.





PESSEGUEIROS FLORIDOS

**SELMA FRANZOI AYALA –
JARAGUÁ DO SUL, SC**

*Os pessegueiros floridos da
casa da esquina
Fazem-me viajar
Levando-me para um tempo já
tão distante
Tempo da tua imagem constante
Onde ainda habitam meus
primeiros sonhos...
Os pessegueiros floridos da
casa da esquina
Reportam à melhor lembrança
Dentre tantas lembranças
E ao melhor sonho dentre tantos
sonhos...
Hoje, os pessegueiros floridos
da casa da esquina
Remetem à tua lembrança
À beleza de nossos
pessegueiros
De nossos julhos e nossos
agostos já tão distantes...
Tanta saudade das floradas de
nosso pomar
Tanta saudade de todo nosso
tempo...*





MOMENTOS UNICOS

CÉLIA BISCAIA VEIGA
– JOINVILLE, SC

Um dia desses, meu neto de 7 anos veio no meu quarto de manhã, ainda de pijaminha e perguntou se eu já estava acordada. Acho que acordei com a porta abrindo. Então respondi que já tinha acordado.

- Então venha ver uma coisa! – disse ele estendendo-me a mãozinha.

Na fração de tempo de acompanhá-lo pelo corredor até seu quarto, mil coisas me passaram pela cabeça. Achei que tinha quebrado alguma coisa, alguma coisa tivesse caído no chão ou que ele quisesse algo que estava em cima do guarda-roupa.

Mas ele me dirigiu até a janela aberta por ele logo que acordou e

disse para eu olhar para cima:

- Olha que lindo, vô. Um pica-pau. Eu nunca tinha visto um de verdade. Só que ele está bicando o vidro da janela do vizinho, não a madeira...

Olhei e vi que realmente o pica-pau fazia o *tec-tec-tec* característico no vidro da janela da cozinha. Até pensei, sorte dos vizinhos que não era no quarto, podia levar um susto ao ouvir o barulhinho na janela do sobrado...

Aí ele falou para eu esperar um pouco e foi acordar minha filha, a tia dele, para mostrar

para ela também. Depois acordou a mãe e pai também.

Todos desfrutamos do momento de admirarmos o passarinho e ver os olhinhos do meu neto brilhando, encantado com a experiência de ver um ser específico da natureza, pela primeira vez.

É maravilhoso redescobrirmos o mundo através dos olhos de uma criança. Se soubermos aproveitar esses momentos únicos, nem precisamos fotografá-los, pois as lentes do nosso coração os guardam para sempre em nossa memória.





COM VIDA

**ROSÂNGELA
BORGES -
MÉXICO**



*E essa distância
esse cansaço
esse medo
Esse espaço!*

*É tanta escuridão
tanta estrada
tanta história
Tanto nada!*

*A mão. A sombra.
A água.
O outro lado.
A chuva.
O pensamento
Quieto. Calado!*

*Não é a rua
Não é a ferida
Não é a casa
É a vida!*



SAUDADE

MIA COUTO

*Que saudade
tenho de nascer.
Nostalgia
de esperar por um nome
como quem volta
à casa que nunca ninguém
habitou.
Não precisas da vida, poeta.
Assim falava a avó.
Deus vive por nós, sentenciava.
E regressava às orações.
A casa voltava
ao ventre do silêncio
e dava vontade de nascer.
Que saudade
tenho de Deus.*

(Do livro “Tradutor de Chuvas”)





cebeu a notícia de que tinha ganhado o concurso anual promovido pela gigante do varejo desde 2016 no Brasil. “É um luxo ter o livro revisto e editado por uma grande editora. Por outro lado, a autopublicação através do KDP é uma saída espetacular”, celebra Cardoso, que embolsou o prêmio de 30.000 reais e viu seu livro impresso pela editora Nova Fronteira. Ela conta que o aplicativo de edição disponibilizado pela Amazon é muito fácil de usar, que o processo não apresenta nenhum custo para o autor e que cabe a ele definir o valor a ser cobrado, do qual ele

poderia ficar com até 70% do preço de capa — mas há escritores que têm seus livros vendidos e o crédito pela venda não corresponde aos 70%, aliás, às vezes não chega a 30%, nos casos de e-book, conforme pudemos comprovar mais de uma vez.

O negócio é muito bom para quem vende muitos livros, como escritores de grande sucesso que

publicam seus livros pela plataforma. Sim, os famosos também publicam nessas plataformas. Enquanto a Companhia das Letras distribui seus livros físicos no Brasil, os e-books são vendidos diretamente pela Amazon em todo o mundo (com exceção dos EUA). Gerente para o KDP da Amazon no Brasil, Talita Taliberti destaca que sucessos literários como Augusto Cury, também já publicaram pela ferramenta, e diz que da lista dos 100 livros mais vendidos pela empresa no Brasil, em torno de 30 costumam ser de autopublicação.





Entre eles dificilmente não estará um livro de Nana Pauvolih, uma professora que trocou as aulas de história pelo sucesso literário (e financeiro) em 2013. Em seu segundo mês de KDP, a autora de literatura erótica já ganhava mais do que nos seus dois empregos como professora, nas redes pública e privada do Rio de Janeiro. É claro que escrever literatura erótica sempre dá ibope – e se escrever bem, mais ainda. O sucesso de livros como *A coleira* e

de séries como *Redenção* acabou chamando a atenção da agente literária Luciana Villas-Boas, que fez a ponte da autora com editoras como Rocco e Planeta, que hoje publicam suas obras. Sete anos depois de começar a publicar suas histórias em blogs, Pauvolih conta 29 livros, 25 deles autopublicados, e mais de 100.000 e-books vendidos – realmente, o “erótico” vende. Se é literatura? Uma boa pergunta. A verdade é que muita gente lê. Autores de suces-

so como Nana Pauvolih podem ganhar razoavelmente bem, mas precisam se empenhar na divulgação das próprias obras, pois tem que vender muito, muito livro mesmo para dar um valor como o declarado pela autora por mês, afirma Janice Diniz, outra autora independente de sucesso. Ex-professora de português, a autora de livros sobre histórias românticas com cowboys, como *Casamento sem amor*, calcula em cerca de 48 os seus títulos publicados. “Publico mês sim, mês não.” Diniz diz que vive bem desde 2015 apenas com os rendimentos da autopublicação. “Peguei todas as fases dos preconceitos. De autora independente, em relação à literatura erótica e ao livro digital”, lembra a autora, que começou sua carreira literária pagando

para imprimir seus livros. “Era inviável. Não tinha lucros, só gastos. E eu ainda comecei com uma trilogia. Tinha de manter um estoque dos dois primeiros e ainda pagar pela impressão do terceiro”, conta. Ela estava quase desistindo de se tornar escritora quando surgiu a possibilidade de publicar em meio digital.

Hoje, Janice Diniz conta com o auxílio de três amigas para administrar os cerca de 100 grupos de Facebook utilizados para divulgar sua obra, que, para ela, está acomodada confortavelmente na plataforma de publicação da Amazon. É isso que tem que ser feito, divulgar a um público cada vez maior para vender muitos exemplares, pois o lucro só é bom se a venda for muito grande. A escritora diz que até tentou

utilizar outra opção, a Kobo Writing Life, mas o fato de os valores das vendas serem repassados aos autores apenas duas vezes por ano a afastou — já o KDP repassa os valores mensalmente e ainda remunera os autores por página lida, a partir de um fundo global que hoje gira em torno de 88 milhões de reais. Mas também não conseguimos comprovar isso. Colocamos livros lá, mas só recebemos os créditos por livros vendi-

dos, mesmo assim em torno de apenas trinta por cento, apesar de ter escolhido, no cadastramento, 70 por cento. A eficiência da Amazon é razoável, mas a fatia do seu lucro é muito maior do que a do autor, oferecendo apenas o espaço para o e-book do autor. E recebendo pela venda, é claro.

MERCADO EDITORIAL

Pouco antes da pandemia, em 2018, Saraiva e Livraria Cultura, duas das





maiores redes de varejo de livros do país pediram recuperação judicial. O mesmo ocorreu com a distribuidora BookPartners. Além disso, a rede de livrarias Laselva, que tinha pedido recuperação judicial em 2013, enfim decretou falência em 2018. A crise obviamente reverbera nas editoras, que não recebem os pagamentos devidos. Quando pediu recuperação judicial, a Saraiva informou à Justiça ter uma dívida de 675

milhões de reais. Foi nesse contexto que a editora Cosac Naify fechou as portas melancolicamente em 2015. Um ano depois, em mais uma demonstração de força, a Amazon comprou parte do passivo, de 230.000 livros, e poupou a falida editora do fardo de estocá-los, mas não do desforço de lidar com as notícias de que a outra parte do acervo teria de ser destruída e transformada em aparas. E as coisas pioraram ainda

mais com a chegada da pandemia, embora algumas pessoas passassem a ler mais, com o confinamento, que fez com que ficassemos mais tempo em casa.

Ao lamentar em seu blog os “dias mais difíceis” para os livros no Brasil, o presidente do Grupo Companhia das Letras escreveu que “as editoras ficaram sem 40% dos seus recebimentos” por conta da crise nas redes de livrarias. “Passei por um dos piores momentos da minha vida pessoal e profissional quando, pela primeira vez em 32 anos, tive que demitir seis funcionários que faziam parte da Companhia há tempos”.

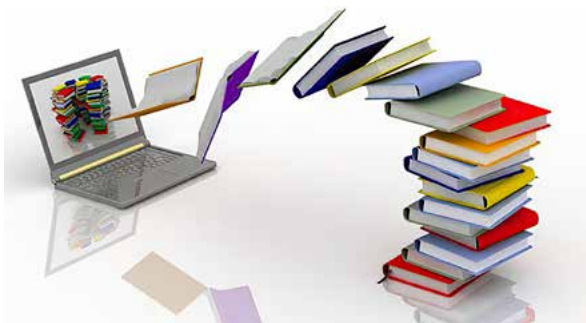
Numa situação dessas, não é de se espantar que um autor estreante como J. L. Amaral tenha buscado refúgio na autopublicação. Após trabalhar 20 anos

como bancário, esse publicitário por formação resolveu parar tudo para tentar uma carreira literária. Em janeiro de 2017, enviou seu *Entre pontos* para cinco editoras. Em setembro daquele ano, como não tinha recebido nenhuma resposta, resolveu publicar o livro por conta própria, no KDP. Três meses depois, estava entre os finalistas do Prêmio Kindle daquele ano. “Enquanto o mercado não se estabilizar, vai ser difícil ter um espaço à sombra”, constata o autor, que publicou *Borboletas azuis* pela mesma plataforma no ano passado e, enquanto escrevia o terceiro livro, tentava aprimorar sua formação como escritor e roteirista. Pena que nem todos têm a mesma sorte, de

estourar, de cair no gosto do leitor com tanta rapidez.

Em contraste com as redes físicas de livros, os ambientes virtuais têm celebrado crescimento. A Amazon não revela seus números, mas seus donos estão cada vez mais ricos, biliardários. O Clube de Autores, que permite publicar livros digitais e físicos, tem dezenas de obras hospedadas por dia em sua plataforma e tem celebrado um crescimento de 30%, nos últimos tempos, como registrou o portal Publishnews. É claro que muita coisa é hospedada, mas grande parte não vende, essa é que é

a verdade. A Bibliomundi, outra plataforma digital, tem publicado mais de mil livros por ano e diz que dobrou seus registros de autores independentes. São poucos, contudo, os que conseguem andar com as próprias pernas no mundo da literatura. Até porque, como já dissemos, se o autor for conhecido, se já tiver um nome ou conseguir divulgar muito, muito bem a sua obra e, ainda, escrever sobre um tema que chame a atenção do leitor, ele consegue vender o suficiente para receber uma remuneração acumulada da venda razoável. Senão...





CONVITE
JÚLIO DE QUEIROZ

*Não precisa bater.
Entre bem de mansinho;
a porta do coração está aberta;
a morte, ao esvaziá-lo, levou a
chave.*

*Ocupe-o calma e suavemente.
Há, nele, espaço para você
Instalar-se, dançar;
Descansar e ser feliz.*

*Não obstrua sua entrada;
deixe lugar para outros;
não bata em suas paredes,
ou crave nada nelas.*

*Esse coração já foi muito
machucado.
E, entretanto, a cada vez,
não quis mais nada
senão ser luz e acolhida.
Como agora, com você.*



PRESSÁGIO
FERNANDO PESSOA



*O amor, quando se revela,
Não se sabe revelar.
Sabe bem olhar p'ra ela,
Mas não lhe sabe falar.
Quem quer dizer o que sente
Não sabe o que há de dizer.
Fala: parece que mente...
Cala: parece esquecer...
Ah, mas se ela adivinhasse,
Se pudesse ouvir o olhar,
E se um olhar lhe bastasse
P'ra saber que a estão a amar!
Mas quem sente muito, cala;
Quem quer dizer quanto sente
Fica sem alma nem fala,
Fica só, inteiramente!
Mas se isto puder contar-lhe
O que não lhe ousou contar,
Já não terei que falar-lhe
Porque lhe estou a falar...*

MILTON HATOUM, POR ELE MESMO



Premiado escritor brasileiro, Milton Hatoum nasceu em Manaus, no Amazonas. Seu primeiro livro, o *Relato de um Certo Oriente*, foi publicado em 1989 e venceu o Prêmio Jabuti – premiação tradicional da literatura brasileira. Em 2006, seu livro *Cinzas do Norte*, publicado em 2005, também levou o prêmio na categoria de Melhor Romance. *Dois Irmãos*, publicado em 2000 e *Órfãos do Eldorado*, publicado em 2008, ganharam adaptações audiovisuais. O autor também foi professor da Universidade Federal do Amazonas de 1984 a 1999.

O que mais impressiona na obra de Hatoum é o sentido de busca de uma identidade que é, ao mesmo tempo, manauara, brasileira, libanesa ou tudo isso ao mesmo tempo. Expressa sobretudo no engenho de seus narradores. Diante disso, conversamos com Milton Hatoum sobre suas obras, o contexto da leitura no Brasil e a importância de eventos como festivais e feiras literárias.

Pergunta – Quais livros formaram quem você é hoje?

Milton – Bom, como livros formadores, posso citar o Érico Veríssimo, o Graciliano Ramos, que foram im-

portantes. Li um pouco de literatura francesa, na minha primeira juventude em Manaus, e também os contos do Machado de Assis, li também parte dos *Sertões*, de Euclides da Cunha, foram autores importantes na minha vida. Naquele momento, dos 12 aos 15 anos, antes de viajar para Brasília, foram autores fundamentais, porque não havia televisão em Manaus, então o nosso acesso ao Brasil era através da literatura e de fotografias. Aprendi muito com *Vidas Secas*, do Graciliano Ramos, por exemplo, conheci o sertão da vida sertaneja, da cultura sertaneja, da brutalidade social e da miséria. Anos depois, reli esses livros e aos poucos me aprofundei em outras obras também, de outras línguas. Tive sorte, na infância, pela presença de um narrador oral que era o meu avô materno, e isso estimulou a minha

imaginação, do contador de histórias com a sua sabedoria, de experiência de vida. Retribuí muito tempo depois com um conto do livro *A Cidade Ilhada*, que homenageia esse narrador oral. Enfim, tive sorte de ter tido bons professores na escola pública, no Colégio Pedro Segundo em Manaus, depois em Brasília e São Paulo, foi importantíssimo. Enquanto não se investir em educação pública de qualidade, nós vamos ser apenas caricaturas de democracia que nunca foi tão caricata quanto é nos dias atuais.

Pergunta – Em relação às suas obras, a memória é o tema em comum que perpassa por todas elas. A vida em Manaus, a herança libanesa e na trilogia *O Lugar Mais Sombrio*, a ditadura. Como é o processo de articular o passado com o presente e colocar suas lembranças nos romances, ou

seja, como é distinguir no desenvolvimento da escrita o que é ficcional e o que é memória?

Milton – Seria um movimento. Porque a memória de um passado distante – e isso sempre trabalhei nos meus livros, por isso levo tanto tempo para escrevê-los, às vezes dez anos como aconteceu com *Dois Irmãos* ou com a trilogia *O Lugar Mais Sombrio* - a memória, eu penso como um movimento do passado que chega ao presente. Não é algo cristalizado no passado, ela repercute no presente. Portanto, todo esse movimento é construído pela linguagem, pela forma mais importante na li-

teratura. Como que você constrói a sua narrativa, de qual ponto de vista, questões técnicas de estrutura de personagem, de conflitos de tempo e de espaço. E tudo isso, relacionado com a minha experiência de vida e de leitura, tem a ver com uma reflexão sobre a minha cidade ou sobre as cidades onde vivi. De alguma forma, todos os meus romances possuem a vontade de dialogar com o presente. Quando escrevo sobre a Amazônia no *Dois Irmãos* ou no *Cinzas do Norte*, estou relatando um tempo desses conflitos humanos, de um quadro histórico. A memória assume um papel importantíssimo, da-





quelas passagens da vida um pouco ofuscadas ou nebulosas, que constrói, através da imaginação, o pilar mais importante de uma obra de arte. A questão é transformar a imaginação em linguagem.

Pergunta – Qual a importância de eventos que promovem debates literários, como as festas e festivais?

Milton – É auspicioso, é importantíssimo e fico grato pelo convite de participar do FLISM, patrocinado por uma universidade pública. Também fui professor de uma instituição pública, a Universidade Federal do Amazonas, duran-

te 15 anos, inclusive no período do governo Collor (1990-1992) – outro mandato presidencial insidioso que trabalhou contra as universidades, contra o ensino público; que não estava interessado na pesquisa, na educação, enfim, no financiamento dessas universidades. Então, o evento é de grande importância, porque assim podem surgir questões literárias e, de modo oblíquo ou indireto, questões políticas também. A presença de professores, de pesquisadores, de estudantes e do público de um modo geral em um evento patrocinado e promovido

por uma universidade pública é algo importantíssimo nesse momento trágico da vida política, social e cultural brasileira.

Pergunta – Nos últimos anos, no Brasil, estamos percebendo um aumento da desinformação, de ataques à liberdade de imprensa e de expressão, fake news. Enfim, uma intensificação de discursos de ódio. Você considera que a literatura e outras formas de expressões culturais e artísticas podem ser uma maneira de lutar contra esses atos de repressão?

Milton – Sim. Mas, a literatura e as artes, de um modo geral, não são discursos ideológicos. Quando você lê um romance, geralmente, o leitor ou a leitora faz perguntas e são elas que conduzem a reflexão de uma questão, de um problema ou de um conflito humano. Então, eu acho que em qualquer circunstância a literatura é uma



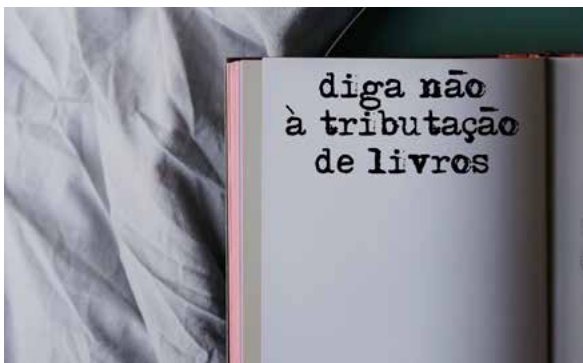
espécie de salvação. Permite uma viagem da imaginação através da linguagem e também apresenta uma forma de reflexão sobre o presente que vivemos. O que acontece, hoje, no Brasil, é uma forma de opressão que inibe muitas pessoas. Mas não nos cala, nós não somos obrigados a silenciar. Então, por isso, escrevemos, precisamos ler e continuar a fazer o ofício que mais nos satisfaz. No meu caso, o que me move para escrever é o desejo. Porém, a situação é muito adversa para quem admira ou para quem convive ou não pode viver sem a

arte, sem a imaginação. A dificuldade de financiamentos para filmes, para peças de teatro, para festivais de músicas, prejudica a produção artística no Brasil, o que é muito preocupante.

Pergunta – E a problemática levantada pela Receita Federal e por outros membros do governo sobre a taxação de livros e so-

bre a declaração que “pobres não leem livros”?

Milton – A elite do governo acredita que o livro é artigo de luxo para poucos, consumido por poucos e assim exclui a massa de brasileiros, a grande maioria dos brasileiros que gostariam de ler. Agora, dizer que só os ricos gostam de ler é de fato uma afirmação das mais preconceituosas e uma grande mentira. Uma afirmação sem nenhuma evidência na realidade. Como comentei, fui professor por quase 15 anos em universidade pública. Meus alunos e minhas alunas eram pessoas humildes, de famílias humildes, e todos que-



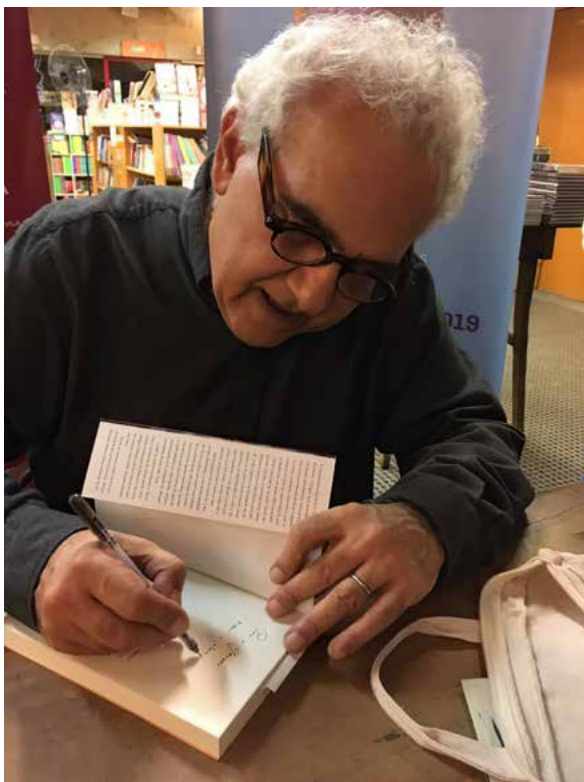
riam ler. Havia um desejo enorme de ler e, às vezes, eles não podiam comprar – muitas vezes eu fotocopiava livros ou doava para a própria biblioteca que não possuía certas obras. Então, há uma carência enorme, sobretudo no Amazonas. Por isso, a elite brasileira é preconceituosa e cruel. E o Ministro da Economia responde aos anseios dessa elite, na verdade, ele pertence a essa elite e não está preocupado com a qualidade de vida do povo brasileiro, nem com acesso à educação pública de qualidade e à cultura. Mas nós devemos criticar isso, não silenciar, e apostar na força da literatura cujo alcance aparentemente é pequeno, no entanto tem o poder de formar leitores. Como dizia Antônio Candido, nosso maior crítico literário, “o direito à literatura também faz parte dos direitos humanos”. Então, o festival de literatura promovido por

uma universidade pública dá sentido e dá densidade a esse direito.

Pergunta – Para finalizar: o que significa a literatura para você?

Milton – A literatura é uma das formas de se ver o mundo, não é um espelho do real, contudo é uma tentativa de reproduzir a realidade. Na verdade, o escritor ou a escritora, de algum modo, criam

um universo ficcional e trabalham com isso para expressar suas inquietações, seus fantasmas e os conflitos humanos. No centro de tudo isso está a linguagem. Muitas vezes, o que se lê expressa o mundo interior, subjetivo, em vez de o mundo no qual vivemos. São mergulhos da intimidade, a obra da Clarice Lispector é um exemplo.





CAMINHANTE

**ELOAH WESTPHALEN NASCHENWENG –
FLORIANÓPOLIS, SC**

*Retiro o amor das palavras.
Sem fronteiras faço silêncio
e asilo-me num tempo sem magia.
Sem festa, perco-me no acaso
e no mundo sem poesia.
Fecho um ciclo.
Misto de tempestade e de estio,
quedo-me.
Como versos que transbordam numa página
mergulho na vida
com fome, com sede de palavras loucas.
Liberta,
abraço a vida.*

Sou nova caminhante...





RIR

MARLI LÚCIA LISBOA
(BULUCHA) – SÃO JOSÉ, SC

A verdade! No isolamento em que vivia, não percebia a verdade. Não me interessava... Mas o que acontece comigo? Percebo. O quê?

- Oi, tudo bem? Como vai você?

- Oi, tudo legal. E com você?

- Tudo bem!

- O que há?

- Amanhã, não esqueça de passar por minha casa. Quero falar com você, tá?

- Tá bom!

Ah! Até parece que tudo corria bem. Parece? Por que parece? Porque existe... falsidade. Já sentiu isso? Alguma coisa já foi falsa com você? Sim.

Pelo menos nisso concorda comigo. Talvez eu já tenha sido falso com alguma coisa... Mas a que eu perce-

bi... Tudo parecia estar sendo construído com bom material, mas na hora... tudo transforma, tudo desaba por causa da falsidade, do fingimento e, às vezes, por certo... interesse!

Falsidade. Fingimento. Quantos tipos de falsidade e de fingimento existem? Vários. Já foi falso com algo? Já foi fingido? Sim, várias vezes. Para quê? Talvez para o seu próprio bem.



Antes, enquanto se descobria tudo isso, era tudo bom. Como você mudou tão de repente... Como é que pode ocorrer isso? Por quê? Para quê? Por alguma coisa? Por você...

Interesse. E esse interesse é próprio, só para você. O que ganha com isso? Nada! Como sei disso? Sei lá... Talvez por eu já ter presenciado uma falsidade, um fingimento, um interesse... talvez. Será? Vamos rir um pouco, pois isso não merece outra coisa... Ria, desgraçado, vamos... ria!

Falsidade. Maneira pela qual passa-se por cima da verdade! A verdade que lhe amedronta, que lhe faz mal...

Fingimento. Maneira pela qual passa-se com a mentira! A mentira que lhe derruba, que lhe adoce...

Falsidade. Fingimento. Maneiras pelas quais passamos a nos esconder! O esconderijo que lhe condena, que nos revela o que somos realmente... Falsos e fingidos!

Interesse. Maneira pela qual passamos a conseguir só aquilo que é pra mim, pra você e não pra nós! O interesse da vitória in-



dividual, o interesse hipócrita que nos leva a errar e nunca aceitar consequências. O interesse nojento de algo que me interessa, que faz você rir covardemente de algo e por fim... de você mesmo! Interesse mesquinho que só pode ser de mesquinhos... Interesse sem base sólida para uma luta que acaba sem vitória e sem vencido. Interesse pobre de coisas que não têm nada, interesse podre de coisas podres. Isso tudo acaba no... lixo! Falsidade. Fingimento. Interesse. Lixo! O que acha disso? Se não concorda comigo, você é falso, fingido... e interesseiro. Sabe o caminho do depósito de lixo?

- Sim!

- Então vá... caminhe

para lá... E tem mais uma coisa: vai querer ir sozinho, sabe o porquê? Porque você é egoísta.

Egoísmo. Que maneira é essa? Talvez a maneira de querer tudo pra si. A maneira de ficar só em si! Como tudo é complicado! Como tudo tem significado!

Você é egoísta? Eu... sim! Pelo menos fui até agora. Como? Fui egoísta com tudo, com todos, pra nós, pra você e até egoísta... comigo, pra mim... De que modo? Bem, existindo como existia até há pouco, até o de repente...

Como tudo é complexo! Cada máquina tendo um parafuso, cada porca com uma definição. Uma é respiração, outra é frio, calor, fome, necessidade. Uma treva, outra luz. Um fio de medo, outro fio é erro. Uma "porca" que é verdade... Tudo, tudo tem sua função.

Por que as porcas, parafusos, fios? Por que não seriam outras coi-

sas, por que não poderiam ser um só algo? Talvez sejam... Teria alguma resposta para isto?

Sabe como estou parecendo? Eu não sei e nem quero saber agora... Devo estar parecendo ridículo... não me importo! E você? Como está lhe parecendo agora, lendo isto? Ridículo, curioso, interessado, fingido, falso, egoísta, inteligente ou...?

Tudo passa no mais rápido dos tempos... Não sei se isto está me fazendo mal! Isto o quê?

A construção é egoísta? Não. Por quê? Porque ela precisou de algo que eu agora precisei... Como escrevo isto... com que escrevo...?

(Do livro "HORA H")





CAVALGAR

MARY BASTIAN –
JOINVILLE, SC



*Quero ser um cavalo selvagem
Pra apostar corrida com o vento
Subir a colina a galope
Pra ver lá de cima
O que tem do outro lado
Cheirar o cheiro excitante
Do capim molhado pela
madrugada
Sentir na crina ouriçada
Os dedos do sol, secando o suor
Pisar com as patas bem firmes
A terra pagã
Erguer a cabeça pro alto
E sentir como dono,
Esta imensidão
Quero ser um cavalo selvagem
Forte
Livre
A correr pelos campos
Companheiro
Da chuva
Do sol
E do vento*



HOJE

ARACELY BRAZ

*Entrego-me, encantada,
À sombra majestosa
Das árvores da pracinha,
Em reminiscências
Dos balanços de uma
trajetória.
A brisa canta o balé
das folhas
E dos pássaros em
revoada.
Hoje, navego
Na imensidão movediça
do mar,
Sempre mais verde de
esperança,
Na sinfonia
Das gaivotas famintas,
Na vibração da busca.
Deleito-me
Na praia morna
Beijada pelas ondas
Em seu jogo de vaivém
No doce prazer de
viver.*





HÉLIA ALICE DOS SANTOS - PROFESSORA SOCIOAMBIENTAL

**NEUSA BERNADO
COELHO – PALHOÇA, SC**

Hélia Alice dos Santos é nativa da praia da Pinheira, região litorânea de Palhoça-SC, distante 30km de Florianópolis. Nasceu em 02 de janeiro de 1961, filha de pescador artesanal, a mãe do lar e atendente de enfermagem.

Lecionou durante 12 anos na alfabetiza-

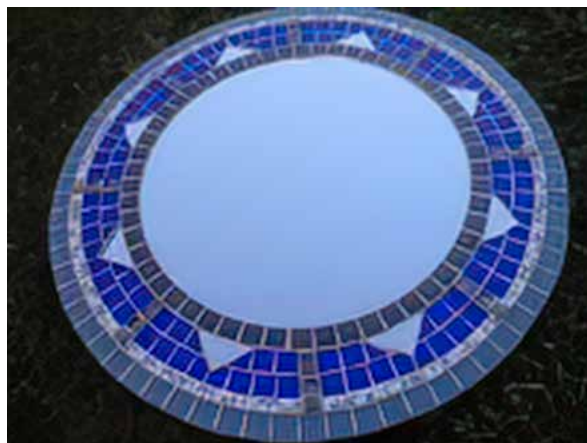
ção de crianças, porém, com o passar dos anos difundiu seus conhecimentos em todos os níveis educacionais – do infantil ao superior. Na Escola Reunida Prof. Olga Cerino, localizada no bairro da Guarda do Embaú/Palhoça-SC, a pro-

fessora Hélia começou a lecionar para as turmas de primeira à quarta série. No início dos anos 80, a consciência ambiental era pouco difundida, mas nessa escola ultrapassou os muros. Era o início do grande projeto Pró-CREP - Criar, Reciclar, Educar e Preservar, mobili-



zando os educandos e as famílias em mutirões de limpeza. O benefício refletiu na escola em novos banheiros, cozinha, refeitório, quadra de esportes, etc. No Natal o trabalho foi de embelezamento do bairro transformando reciclados em árvores natalinas.

A Pró-CREP iniciada em 1992, no bairro Pinheira/Palhoça/SC, desenvolve atividades socioambientais com o lema: “Nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos”. Com dedicação e criatividade, a professora Hélia promove o desenvol-



vimento sustentável e a inclusão social, tendo sido seu trabalho reconhecido nacionalmente. Em 1997, recebeu das mãos do então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, a Medalha e o “Prêmio Incentivo a Educação Fundamental”. A distinção fez com que o município reconhecesse a importância do projeto. Cedeu uma caçamba para a coleta dos resíduos e um terreno em regime de comodato. Com verba federal construiu um galpão para Centro de Triagem de Resíduos Sólidos Recicláveis. A coleta de resíduos se expandiu para treze bair-

ros da Baixada do Massiambu, região sul do município, desviando do Aterro Sanitário de Biguaçu, mais de 60 toneladas/mês de lixo. Pioneiro na região, o projeto da Pinheira é dotado de uma infraestrutura invejável. O galpão da Pró-CREP está equipado com esteira para separar plástico, metal, alumínio e papel. Realiza o enfardamento dos materiais e dispõe de usina de biodiesel implantada com auxílio de estudantes da UNISUL- Universidade do Sul de SC. O óleo reciclado produz sabão de ótima qualidade, para movimentar as embarcações de pesca

dos nativos da praia da Pinheira, os maquinários e veículos utilizados no projeto. Outros resíduos sólidos adquirem valor comercial no brechó ecológico de “Consumo Consciente”, na “Feira do Caca-reco”; na “Oficina de Mosaico de Azulejos” reaproveitando cerâmicas descartadas pela construção civil e na “Oficina de Costura”, reciclando os tecidos. São oportunidades de trabalhos criativas que proporcionam sustento para várias famílias, inclusive para haitianos que vieram procurar um novo horizonte na comunidade da Pinheira. As peças de artes são vendidas aos turistas que se rendem às belezas naturais do lugar triplicando na temporada de férias de verão. Com foco na educação socioambiental, o projeto é visitado por instituições es-



colares públicas e privadas, em todos os níveis da educação, do infantil ao superior. Inscrita no Conselho Municipal do meio ambiente e da Assistência Social, a associação é um modelo a ser seguido. Contempla parcerias com universidades onde os alunos utilizam o espaço para laboratório de pesquisas acadêmicas e geram Trabalhos de Conclusão de Cursos em diversas áreas do conhecimento. Arte produzida na Associação Pró-CREP-Coleta seletiva

A professora Hé-

lia, protagonista do projeto, atua voluntariamente na Associação, sob sua orientação 65 famílias tiram o próprio sustento. A Pró-CREP é uma das instituições parceira do Ministério Público, acolhe e ressocializa dependentes químicos em recuperação, ex-presidiários e apenados. Inclui socialmente imigrantes haitianos, mulheres desprovidas de oportunidades e população afrodescendente. O trabalho educativo desenvolvido na associação valoriza o ser humano, e por ser transforma-

dor, é referência na região. As escolas, autoridades de municípios vizinhos e turistas, procuram o projeto para conhecer e aprender como se realiza o destino final ambientalmente adequado dos resíduos. Hélia Alice dos Santos foi agraciada com várias honrarias, entre elas a Homenagem do Institut Cultive Suisse Bresil - Congres Cultive Internacional de La Culture de La Femme.

(Fontes: <http://procrep.blogspot.com/>; *Cultive Revue Suisse D'Art et Litterature n°015 | Année 04 | octobre 2021.*)

REVISÃO DE TEXTOS E EDIÇÃO DE LIVROS

Da revisão até a entrega dos arquivos prontos para imprimir.

Contato:
revisaolca@gmail.com





O VENTO NA NOITE

**JACQUELINE
AISENMAN -
PORTUGAL**



*Mordo o vento.
Ele me açoita
E depois do dia
vem a noite.
Quanto tempo durará a noite?
Será ela eterna ou passageira
Passará num rompante
ou me guardará cativa em sonhos?
Minto para mim mesma
e canto uma canção de ninar:
dorme criança pequena
que haverá por perto
um bicho para te pegar!
Mas não sinto medo,
apenas curiosidade
vontade
de adentrar a noite
como se fosse arco-íris
penetrar suas entranhas
e descortinar as janelas que eu sei,
eu tenho certeza, que existem!
Estou sem sono, a noite passa, eu
sigo.
Ouço o vento.
Ele em mim pernoita.
E depois da noite
virá o dia.
Talvez.*



O TEMPO

**APOLÔNIA GASTALDI
- IBIRAMA, SC**

*Esquivo, tranquilo,
vive a passar, passar.
Eu desejo que volte.
Volte, volte atrás,
mas ele não volta,
não volta,
nunca mais.
Esquivo e tranquilo
vai ele passando,
não volta,
não volta mais.
É ingrato, mesquinho,
este evento maior.
Vai correndo, tranquilo,
tranquilo demais.
Não me ouve,
Não me entende.
Vai correndo, tenaz,
não entende a minha dor.
Vai correndo
e não volta nunca mais.
Jamais.*



ENÉAS ATHANÁZIO: 60 LIVROS

O ESCRITOR JOSÉ ENÉAS CEZAR ATHANÁZIO, CATARINENSE DE CAMPOS NOVOS, E MORADOR DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ HÁ QUASE TRÊS DÉCADAS, ESTÁ COMEMORANDO A PUBLICAÇÃO DE SEU LIVRO NÚMERO 60. ELE É, TAMBÉM, UM DOS ESCRITORES CATARINENSES DO GRUPO LITERÁRIO A ILHA DESDE O SEU INÍCIO, HÁ 42 ANOS.

“A obra de William Agel de Mello – Algumas Notas” foi publicada pela Editora Kelps, de Goiânia, e traz pequenos estudos sobre o trabalho do diplomata, linguista e escritor, considerado o maior linguista vivo do país, poliglota e autor de um conjunto de dicionários sem igual. “Além disso, criou uma nova língua chamada Idioma Panlatino, usando as raízes das línguas derivadas do latim, que obteve repercussão mundial e foi



objeto de manifestações dos maiores linguistas”, diz Enéas. Em março do próximo ano, Enéas Athanázio, um dos escritores mais destacados de Santa Catarina, terá mais uma comemoração: 50 anos de atividade literária, já que seu primeiro livro “O Peão Negro”, uma coletânea de contos ambientados nos Campos Gerais, foi publicado em 1973. “Desde então não parei mais e cheguei aos 60 títulos, o que é um despautério, como dizia o escritor Antonio Callado”, brincou Enéas. Hoje são 75 obras publicadas, incluindo-se 15 opúsculos, que renderam 37 prêmios. Advogado,

Promotor de Justiça (aposentado) e escritor super ativo, é colunista do Jornal Página 3 há quase três décadas.

Pergunta – Em outubro de 2020, o senhor disse que quando o livro número 60 chegasse ao mercado, o que aconteceu este ano, iria encerrar a carreira literária. Mas 2023 será uma data muito significativa porque marcará 50 anos de carreira. . .

EA – *Parece que naquele momento não me lembrei dos 50 anos. Depois andei pensando no assunto e decidi esperar mais um pouco. Mi-*



*nha esposa e filhas são contrárias ao encerramento. Dizem que ficarei doente, nervoso, desocupado. Afinal, depois de mais de meio século (antes de 1973 eu já escrevia para vários jornais) o escrever faz parte de minha natureza, como diz o povo. Então vou es-
ticar mais um pouco antes de “deixar de poluir o meio literário”, como brincava meu querido e saudoso amigo Cesar Ouriques, pessoa que me faz*

Pergunta – Entre as obras publicadas, quais foram as de maior repercussão?

EA – *Sem dúvida, as de contos. Quanto mais regionalistas mais agradaram. Para minha surpresa, tive contos premiados, escolhidos para antologias, coletâneas, apostilas, vestibulares e concursos públicos, teatralizados, transcritos em jornais e revistas,*

analizados em ensaios críticos e um deles filmado com o título de “Izaura”, exibido pela RBS/TV. O livro “O Peão Negro” tem sido apontado por alguns críticos como um clássico do regionalismo. Vamos ver se isso se confirma, porque um clás-



O primeiro livro de Enéas Athanázio

sico não se faz de uma hora para outra. O Prof. Fábio Lucas diz que minha ficção integrou os Campos Gerais de nosso Estado à literatura nacional.

Pergunta – Tem algum assunto de seu interesse pessoal

que não trabalhou em sua carreira literária por qualquer motivo?

EA – *Nunca escrevi minhas memórias ou autobiografia. Não vejo em meu passado fatos extraordinários que justifiquem um livro. Vivi muitos anos em “bibocas arredias de civilização”, como dizia Godofredo Rangel, juiz no interior mineiro, onde o escritor era uma espécie de louco da aldeia com a pretensão maluca de ser escritor.*

Pergunta – Depois que uma obra está publicada vem a compensação para o autor em forma de prazer, realização, dever cumprido. Qual é o sentimento quando são 60 obras?

EA – *É uma certa incredulidade. Quando vejo a estante cheia de livros meus, acode-me uma dúvida: terei escrito tudo isso? Mas a verda-*

de é doce, eles são reais e circulam por toda parte. Como o ofício de escrever é o mais solitário que existe, fico pensando em quantas horas gastei na sua escrita, numerosas delas roubadas ao descanso e o lazer. Acodeme um sentimento de grande satisfação por ter aproveitado meu tempo. Não o gastei na esquina ou no boteco, bebendo cerveja e falando mal da vida alheia.

Pergunta – A política faz parte da vida de todos nós, do cotidiano de cada um. De que forma ela foi inserida nas suas obras?

EA – A ficção tem a virtude de revelar a sociedade em movimento. Como a política está em toda parte, até mesmo nos lugarejos (e lá costuma ser ferrenha), foi entrando com naturalidade nos contos e novelas. Nunca, porém, com caráter parti-



dário.

Pergunta – Já pensou em escrever um livro sobre o atual cenário político do País?

EA – É, sem dúvida, um assunto fascinante. Mas o País mergulhou num clima de ódio e intolerância que seria uma ousadia e traria muitos problemas. Até quando escrevo sobre certos temas, como ditadores, holocausto e ataques à democracia há quem se irrite e mande mensagens furiosas. Muita gente parece não aceitar a vida em democracia, prefere viver sob o jugo discricionário dos mandões. Terão almas de escravos? Não é demais lembrar que,

como dizia Baudelaire, a democracia pode ter mil defeitos, mas nunca se inventou nada melhor. Só na democracia o ser humano pode viver com dignidade.

Pergunta – Qual a influência da tecnologia na literatura, que vem tirando o papel de circulação, jornais, revistas e em menor número, livros ... Já pensou em publicar em e-book?

EA – O ato de escrever no computador ficou muito facilitado. Nos tempos das velhas máquinas era demorado e cansativo. Nesse sentido a influência foi positiva. Agora, ler longos textos na tela não me agrada, prefiro a página do livro, mesmo



amarelada. Quanto ao E-book, nada tenho contra e sobre a publicação de livros, vejo que as pessoas não desistem. Recebo impressionante quantidade de livros impressos.

Pergunta – Outro dia comentou que ao encerrar a carreira literária ocuparia o tempo indo à praia, caminhando, contemplando o mar e o céu, comendo milho cozido e tomando água de coco e caldo de cana. Cenário

çar o livro 61?

EA – *Quem sabe! Afinal o encerramento não impede a cabeça de trabalhar.*

Pergunta – Por fim, porque seu interesse pela obra de William Agel de Mello?

EA – *O círculo dos linguistas é muito restrito. Eles mourejam no trabalho*

uma vida inteira e raramente se tornam conhecidos do grande público.

Quando conheci a obra de William fiquei fascinado. Ele compôs mais de 20 dicionários, o

que implica em dizer que lidou com milhões de palavras, cada uma de

las com sua origem, sua raiz, sua história e seus significados, sem falar nas

dívidas e divergências inevitáveis num universo tão imen-

na juventude revelou predileção pelas línguas latinas e dominava seis de-

les. Em 2019 publicou o Dicionário Geral das Línguas Românicas, um trabalho monumental

em tamanho grande e com 766 páginas. Obra inigualável em volume e conteúdo.

Além disso, William é ficcionista, ensaísta, historiador e tradutor de toda

a poesia de Federico García Lorca. Diplomata de carreira, serviu na África e na

Europa. Trabalhou com Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto, dos quais se tornou

grande amigo. O livro é uma homenagem a essa grande

personalidade brasileira, como disse com propriedade o

prefaciador.

Visite o Portal

PROSA, POESIA & CIA.

do Grupo Literário A ILHA, na Internet,
<http://www.prosapoesiaecia.xpg.com.br>

próprio para comer ~~so de pesquisas.~~ Já



A NOITE

ERNA PIDNER –
IPATINGA, MG

*Eflúvios de ternura
Na noite pura.
Estrelas vão surgindo
E a lua, palidamente,
Consente.
Emana mais emoção
Do coração;
Nasce uma nova alegria
Ao final de mais um
dia.
Refaz-se o pensamento
Nesse momento.
As carícias do luar
Nos fazem sonhar.
E a noite se estende
E reascende
A vontade de viver
E ter prazer.
Sentir a noite, que belo
Que doce anelo!*



POEMA I.

RITA PEA -
PORTUGAL



*No teu peito descobri o ritmo do
samba.*

*Senti a percussão do acaso
bater no teu coração
e comecei a dançar pela noite
adentro
com a lembrança viva do teu
rostro
no meu pensamento.*

*Não faças perguntas.
Não tenho respostas.*

*Só quero libertar o meu corpo
nos batuques
e na madrugada
perder-me na melodia do meu
desejo.*

A DOCE E LÍRICA CORALINA

POR **LUIZ CARLOS AMORIM** – ESCRITOR, JORNALISTA, EDITOR E REVISOR



Em doze de abril de 85 o Brasil perdia a sua poetisa mais sensível, mais autêntica e mais sincera: Cora Coralina. Abril está aí e é difícil não lembrar de Cora, difícil não falar dela, difícil não reler os seus poemas. Eu queria escrever uma crônica em homenagem a ela, a grande poetisa do Brasil, mas não gosto de falar de perdas e acabei não escrevendo. E eis que me deparo com o texto de Cissa de Olivei-

ra, minha vizinha lá no portal da nossa amiga Irene Serra do Rio Total: "Um Doce para Cora Coralina". Como não lê-lo e não aplaudí-lo? Além de falar de Cora, ela fala dos doces da doceira de mão cheia que ela era - e eu acabo de voltar da serra gaúcha, onde mora minha sogra, que faz doces fantásticos de figo, de pêsego, de marmelo, de morango, no fogão à lenha, não aquele de barro e pedra, como o

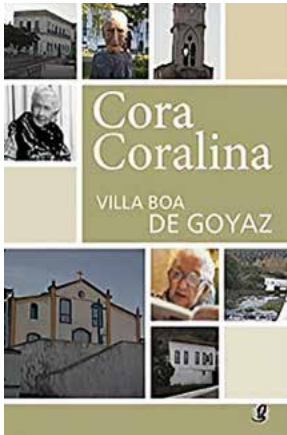
de Aninha, mas à lenha, também. E então chego a sentir o gosto do doce de laranja.

Então cá estou eu, para agradecer à Cissa por lembrar de Cora e para me juntar à homenagem tão merecida.

São tantos anos de ausência da Aninha da poesia forte e despretensiosa, poesia que transmite a sua mensagem de amor à terra e à natureza, ao ser humano e à vida.

A verdade é que Cora continua viva, cada vez mais viva nos seus poemas e na sua prosa. E no sabor dos doces que a Cissa me trouxe à boca.

A poetisa maior da casa velha da ponte, em Goiás publicou seu primeiro livro aos sessenta e sete anos: "Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais". Depois vieram "Meu Livro de Cordel", "Vintêm de Cobre - Meias Confissões de



Aninha", "Estórias da Casa Velha da Ponte", "O Tesouro da Casa Velha da Ponte", "Os Meninos Verdes", "A Moeda de Ouro que um Pato Comeu". Essa, a obra que transformou Aninha no ícone da poesia brasileira que ela é.

Em 2001, foram encontrados cerca de quarenta poemas inéditos de Cora, durante o trabalho de reconstituição de seu acervo. Esse material foi transformado em livro e foi publicado pela Global, editora que publicou quase todos os títulos de Cora. O livro é "Vila Boa de Goyaz" e os poemas que o compõe exaltam a ci-

dade de Goiás, onde a poeta nasceu. Ela fala da Goiás que conheceu no início do século passado, das ruas que mudaram de nome, mas não mudaram de jeito, da linguagem impressa em cada toque dos diversos sinos existentes na cidade e fala, também, da casa velha da ponte. Um canto de amor à cidade de Goiás.

Foi-se o corpo singelo da grande poeta e da grande mulher-menina (ou menina-mulher?), mas a poesia viva ficou. A poesia que é o coração, a alma de Aninha, a nossa Cora Coralina eterna, que continuará viva para sempre nos versos e na prosa que ela deixou.

Dos inéditos encontrados de Cora, tomo a liberdade de transcrever aqui "Coração é terra que ninguém vê", pois não dá pra falar de Cora sem ler uma criação dela: "Quis ser um dia, jardineira / de um coração. / Sachei, mondei - nada colhi. /

Nasceram espinhos / e nos espinhos me feri. // Quis ser um dia, jardineira / de um coração. / Cavei, plantei. / Na terra ingrata / nada criei. // Semeador da Parábola... / Lançei a boa semente / a gestos largos... / Aves do céu levaram. / Espinhos do chão cobriram. / O resto se perdeu / na terra dura / da ingratidão // Coração é terra que ninguém vê / - diz o ditado. / Plantei, reguei, nada deu, não. // Terra de lagedo, de pedregulho, / - teu coração. // Bati na porta de um coração. / Bati. Bati. Nada escutei. / Casa vazia. Porta fechada, / foi que encontrei..."





OS ARROIOS

MARIO QUINTANA

*Os arroios são rios guris...
Vão pulando e cantando dentre as pedras.
Fazem borbulhas d'água no caminho: bonito!
Dão vau aos burricos,
às belas morenas,
curiosos das pernas das belas morenas.
E às vezes vão tão devagar
que conhecem o cheiro e a cor das flores
que se debruçam sobre eles nos matos que
atravessam
e onde parece quererem sestar.
Às vezes uma asa branca roça-os, súbita emoção
como a nossa se recebêssemos o miraculoso
encontrão
de um Anjo...
Mas nem nós nem os rios sabemos nada disso.
Os rios tresandam óleo e alcatrão
e refletem, em vez de estrelas,
os letreiros das firmas que transportam utilidades.
Que pena me dão os arroios,
os inocentes arroios...*





QUE PENA!

GUILHERME ARANTES

A nossa televisão mudou dramaticamente ao longo do tempo. Eu ligo a TV hoje em dia e percebo o grau a que se chegou com o passar de tantas décadas, especialmente no Brasil.

Rodo e rodo o “dial” e me deparo com um deserto, uma paleta inacreditável de canais inúteis para o meu gosto.

Na Espanha eu também sofria esse tédio e me abri-

gava nos canais provinciais, em concertos e programas musicais do “baixo clero de audiência”, porque a profusão de “realities” e outros cacaniques também na Europa é 100% enfadonha.

Os personagens desse veículo, salvo honrosas exceções, (sempre há exceções para tudo) são caricaturas histriônicas, a vida parece que se tornou um desenho animado sem a menor graça.

Muitos admiradores da gente vêm nas redes nos cobrar mais presença, nos pedem para “voltarmos” à

antiga notoriedade, e vêm cobrar insistentemente “da mídia” maior espaço e reconhecimento para a gente, e eu juro que não consigo compreender o que essas cobranças querem dizer, por mais carinhosas e bem intencionadas que sejam. Sei que este assunto é chover no molhado, todo mundo sabe o colapso da “cultura de massa”...

As “redes sociais” também não escapam da mesmice, com tecnologias mais e mais sofisticadas, em altas definições para nulidades culturais...

Houve um tempo, que já vai longe, em que a TV estava operando de forma incipiente como indústria cultural, era um novo e desconhecido veículo de massas, e pelo preço do aparelho, me lem-





bro bem, eu era criança, aquela jeringonça frequentava as casas de família mais abastadas...

Lembro que a bossa-nova foi um dos primeiros movimentos que fluíram em branco e preto, nas telas que ainda exibiam o frame-padrão do índio (quem lembra?).

A seguir, a TV herdaria do rádio as novelas e os musicais de auditório.

As novelas se beneficiariam do fértil Teatro Brasileiro, de autores, diretores e atores fantásticos, aderindo à indústria cultural com grande carga de qualidade.

Deu no que deu, a teledramaturgia brasileira foi a melhor do mundo!

A primeira geração musical 100% nativa da chegada da TV no Brasil foi a geração da Elis, Jair Rodrigues, Roberto Carlos, Chico, Gil e a TV passaria a um protagonismo culto com o envolvimento de jornalistas culturais oriundos do jornalismo da Última Hora, do JB, dos grandes jornais formadores de opinião

Esse ambiente dos anos 60 é absolutamente peculiar e irrecrível...

Até mesmo nos círculos intelectuais, acadêmicos, a te-

levisão gozava do prestígio de teses, de debates, de fundamentações teóricas.

Já nos anos 70, no pós-68, a indústria cultural ganharia novos impulsos comerciais com a consolidação das redes nacionais e a nossa geração pode usufruir de uma proliferação dos espaços populares voltados à música.

Penso mesmo que fomos privilegiados, porque vivemos nos anos 80 numa plataforma híbrida, entre cultura e comércio de massas, porém ainda “analógica”, anterior à revolução digital.

A revolução digital apunhalou a indústria cultural em suas práticas convencionais. A partir das possibilidades da digitalização, vejam bem, a cópia se tornou o novo fundamento



num mundo sam-pleado. (Hoje, tudo aquilo da era analógica parece um passado irrecuperável, eternamente congelado nos HDs da “Matrix”.) A cultura de massa dos anos 90 e 2000 seguiu bovinamente o processo tecnológico da clonagem, democratizando os meios, inventando e beneficiando cada vez mais os personagens que

logram mais audiência e retorno imediato. Chegamos então a este mar de personagens caricatos que povoam todos os espaços “comercialmente viáveis”. A “Matrix” venceu. O espaço é exíguo, hoje, senão inexistente, para o surgimento de novas gerações de ouro, despojadas, naturais e sem ouro nos penduricalhos,

como foram aquelas que fizeram os tempos gloriosos da cultura popular legítima, espontânea, transformadora e duradoura. Hoje, tudo é 100% visual, volátil, e até mesmo músicas de um minuto estão na mira das grandes corporações. Que mundo é este? O que é isto que nos é oferecido na grade da TV aberta e, pior, nas grades das TVs a cabo? Uma lixeira? Tempos sombrios de uma maçaroca cultural nos grandes veículos. Vida que segue, “pelas beiradas”, pelos espaços alternativos. O Mainstream está morto.

Crônica do Dia

<http://luizcarlosamorim.blogspot.com.br>

Crônicas e artigos de Luiz Carlos Amorim, publicados em jornais, revistas ou sites (ou não) e mais poemas e notas, tudo sobre cultura e arte (principalmente literatura) e sobre o cotidiano de todos nós.





O MAR
CRUZ E SOUSA



*Que nostalgia vem de tuas vagas
Ó velho mar, ó lutador Oceano!
Tu de saudades íntimas alagas
O mais profundo coração humano.*

*Sim! Do teu choro enorme e
soberano,
Do teu gemer nas desoladas
plagas
Sai o que quer que é, rude sultão
ufano,
Que abre nos peitos verdadeiras
chagas.*

*Ó mar! Ó mar! Embora esse
eletrismo,
Tu tens em ti o gemer do lirismo.
És um poeta lírico demais.*

*E eu para rir com humor das tuas
Nevroses colossais, bastam-me
as luas
Quando fazem luzir os seus
metais.*



SONHO VIVO
TERESINKA PEREIRA
- ESTADOS UNIDOS

*Cheguei tarde
a este mundo de ilusões.
Minha presença
tocando em portas reais
parece uma sombra
meio ensolarada
num falso sorriso
para evitar respostas.
Acabo de chegar
e já estou cansada.
Todos tentam me animar
apontando o céu
como se o paraíso
jamais houvesse existido...
Eu mesma me prometo
ideais que jamais
alcançarei...
Entretanto, tenho
coragem
e vou vencendo a
realidade,
esta coisa fria,
mortal
que algum dia vencerá.*





A HONRA DA FAMÍLIA

ENÉAS ATHANÁZIO –
BALN. CAMBORIÚ, SC

*Para Márcia,
Eneida e Patrícia,
que não arredaram pé,
e para Jandira,
sempre junto
(Escrito no hospital)*

A Fazenda do Aranha ocupava um mundaréu de terras. Principiava no caminho geral do Portão do Alto e descambava em campos de coxilhas e canhadas no rumo do Taimbé. Dividia-se em grandes inventadas de cria e engorda de gado, cavalos e mulas, ovelhas e cabras em quantidade. Para as bandas da geral conservava-se um mato inceiro, onde farfalhavam numerosos pinheiros e madeiras de lei, mantidos como reserva. Ali uma porcada meio alçada pelichava de gorda na safra do pi-

nhão. A Fazenda era uma propriedade de respeito, tinha aguadas suficientes e era bem administrada.

A sede se erguia no alto de um coxilhão verdejante de grama, sólido casarão construído de madeira de lei serrada em lua própria. Pintada de um azul brilhante, os vidros de suas numerosas janelas e portas retiniam à luz do sol e lançavam chispas à distância. Diante dela corria uma área coberta, larga e espaçosa, onde se alinhavam cadeiras confortáveis, avistando-se dali o panorama que se estendia pela campanha até se juntar com o horizonte do céu anilado. Cercava a casa um jardim sempre flori-

do e bem cuidado no qual estava presente a mão cuidadosa da própria fazendeira.

A Fazenda do Aranha pertencia à mesma família há três gerações, conduzida com mão firme pelo fazendeiro conhecido como Nenê Grande, assim chamado para distinguir de um parente apelidado Nenê Pequeno. Nenê Grande vivia em paz, cuidando dos seus negócios, em companhia da esposa, mulher caprichosa e dedicada, de um filho solteiro de seus vinte anos e a filha caçula de nome Doralinda, tratada pelos íntimos como Linda. Tinha como capataz de fiança um lageano por nome Dorvalino, sojeito de pouca prosa e





sorrisos raros, que comandava um ror de peões bem treinados que cuidavam da propriedade com muito zelo.

Nenhuma preocupação grave toldava os dias pacíficos do fazendeiro cujos negócios progrediam, permitindo novas compras de terras com os lucros obtidos. Apenas o comportamento da filha Linda, nos seus dezesseis anos, chamava sua atenção. A moça se interessava pelas festas, encontros com amigos e bailarecos na vila do Pito Aceso e nas fazendas em derredor e lá sempre comparecia, acompanhada pela mãe ou por uma cria de confiança da casa. Atento, o pai acompanhava esse movimento, recomendando sempre a maior atenção.

Nos últimos tempos no-

tu admirado que o interesse da filha por essas festas e encontros havia desaparecido. Não revelava mais o desejo de frequentá-las, preferindo permanecer em casa. O pai aguçou as observações e surpreendeu certas conversas meio murmuradas entre a mãe e a filha sobre assuntos que não conseguiu distinguir. Preocupado, fechou-se com a mulher num quarto e a botou em confissão. Estarrecido, soube que a menina estava grávida de um bundinha da cidade com o qual vinha namorando. O fazendeiro ficou furioso, seus olhos pareciam lançar chispas e teve uma conversa muito séria com a filha que acabou confessando o seu descuido e confirmando que o namorado era mesmo o

rapaz da cidade.

Nenê Grande, diante da confirmação do fato, esbravejava, andando pela casa e batendo com o rabo de tatu nos canos das botas. Como se atrevia aquele guri a manchar a honra da casa! Isso não poderia ficar assim! A mulher tudo fazia para acalmá-lo, mas ele afirmava que a atitude merecia uma resposta enérgica. Sem mais conversa intimou o capataz Dorvalino ao escritório e passou ordens diretas.

No dia seguinte, muito cedo, o capataz e mais quatro homens escolhidos entre os peões mais valentes, encilham as montarias para uma jornada até a cidade. Vestidos nos trinquês, montados em animais aperados no capri-



cho e todos armados de revólveres, partiram no cumprimento da missão determinada pelo patrão. Foi bonito de ver a cavalcada levantando poeira na estrada de chão batido no rumo de São Simão. Postado na área, o fazendeiro observava a partida de seus homens, enquanto a mulher desesperada procurava demovê-lo daquela ideia.

A entrada do grupo nas ruas da pacata cidade logo chamou a atenção dos raros transeuntes. Firmes no trote dos animais, os homens do Aranha não tardaram a encontrar a casa onde o namorado da filha residia com os pais e logo se postaram diante dela, um ao lado do outro, na frente da cerca dianteira. Em voz firme o capataz Dorvalino interpelou os moradores:

- Ô de casa!

As pessoas se movimentaram e o dono da casa, com jeito assustado, apareceu na porta e deu com a tropa de cavaleiros enfileirados à sua frente.

- Chame o seu filho! – gritou o capataz Dorvalino com voz firme.

Atrapalhado, o dono da casa se voltou para dentro e chamou o filho aos berros para que aparecesse e ele surgiu ressabiado, ainda arrumando a cabeleira desgrenhada e com cara de muito sono, perguntando o que estava acontecendo.

Dorvalino em poucas palavras explicou que lá se encontrava com ordens expressas de marcar a data para o casamento e assim lavar a honra da casa de Nenê Grande. Pai e filho, temerosos das consequências, conversaram em voz baixa enquanto as demais pessoas da casa se juntavam a eles. Confabularam às

pressas e discutiram o assunto até se fixarem numa data em que o casamento deveria ser realizado. Diante da palavra empenhada, Dorvalino e seus companheiros se retiraram, deixando para trás a família perplexa do rapaz. Tempos depois o casamento foi realizado com toda pompa e circunstância. Nenê Grande comandava a sua gente, montado no burro preto da estima, tendo ao lado a mulher no seu cavalo tordilho e do outro a noiva na sua montaria preferida. Atrás, todos enfileirados, desfiliavam os peões da fazenda seguidos de numerosos convidados.

E assim a honra da família de Nenê Grande foi lavada em público.





ANDANÇAS

LIN QUINTINO –
BELO HORIZONTE, MG

*Incessante essa busca
de mim, por tantas trilhas
em que me vejo vagar, através
do tempo*

*Há tantos abismos
onde me busco e, quanto mais
eu me busco
mais eu me perco, nas lacunas
do tempo*

*Sigo rios que me levam ao mar
em embarcações rotas
que se destroçam com o vento
e bebo água salobra do tempo*

*Por mais caminhos que sigo
há caminhar ainda em trilhas
que se bifurcam,
indo dar a lugar algum do tempo*

*E volto maltrapilha e trôpega
tropeçando nos cansados
passos
e percebo no corpo as lanhadas
e as feridas do tempo*

*E o que trago de tantas
andanças
pelos labirintos de mim são as
certezas
de que sou a soma de todo o
tempo que vivi*





LITERATURA RESILIENTE, APESAR DA PANDEMIA

POR LUIZ CARLOS AMORIM – ESCRITOR, EDITOR E REVISOR – CADEIRA 19 DA ACADEMIA SULBRASILEIRA DE LETRAS. FUNDADOR E PRESIDENTE DO GRUPO LITERÁRIO A ILHA, QUE COMPLETA 41 ANOS EM 2021. [HTTP://LUIZCARLOSAMORIM.BLOGSPOT.COM.BR](http://LUIZCARLOSAMORIM.BLOGSPOT.COM.BR)

O Grupo Literário A ILHA começa o ano literário com a nova edição da revista **ESCRITORES DO BRASIL**, de fevereiro, mais um sucesso editorial das Edições A ILHA. A revista teve um intervalo por causa da pandemia, pulamos um trimestre, mas continuamos com as edições normais da revista **SUPLEMENTO LITERÁRIO A ILHA**, para não interromper o fluxo da produção dos escritores brasileiros, que con-

tinuam escrevendo apesar e até por causa da pandemia. E precisamos publicar, pois escritor só é escritor se for lido. Então, o ano literário começa com a colocação no ar, em fins de janeiro, de **ESCRITORES DO BRASIL**, a revista que tem se firmado como uma das mais importantes publicações literárias, lida em todo o



o mundo.

Pois pensávamos que o ano de 2021 se encaminhava para o seu final e com ele terminaria também a pandemia, para que pudéssemos voltar às nossas atividades normais, para que voltássemos a publicar

as revistas do grupo A ILHA normalmente, mas não foi isso que aconteceu. Tivemos que pular uma edição de **ESCRITORES DO BRASIL**, para que a outra, o Suplemento Literário A ILHA, 42 anos em circulação, pudesse continuar.

2021 foi muito complicado e no final dele apareceu uma nova variante da covid 19, a ômicron, e as coisas ficaram ainda mais difíceis. O contágio é muito maior do que das outras variantes e rapidamente o mundo todo estava contaminado. Os novos casos aumentaram exponencialmente, as mortes também aumentaram no início de fevereiro e os hospitais voltaram a ficar lotados, com as UTIs esgotadas. Com essa nova cepa, percebemos que o fato de não tomar a vacina é assumir um imenso risco, pois quase noventa por cento das pessoas mortas ou nas UTIs não tomaram a

vacina ou só tomaram a primeira dose. Então a pandemia voltou a ficar mais grave, temos que voltar a tomar os cuidados básicos: usar máscaras, usar álcool, evitar aglomeramentos, porque muitas pessoas não tomaram a vacina, não acreditaram na vacina e agora vemos o resultado. Então precisamos ficar mais em casa, priorizar o distanciamento tanto quanto possível. E a arte, mais uma vez, será a nossa salvação. Podemos ficar mais em casa e ouvir música, ver filmes, ler livros. Sim, a arte nos ocupa e nos salva. Ler um bom livro ouvindo música é uma excelente forma de ocuparmos o nosso tempo. Escrever também. E a revista **ESCRITORES DO BRASIL** traz boa prosa e boa poesia para mantermos e adquirirmos o hábito da leitura.

Pois como já disse, nossos escritores continuam escrevendo e

precisamos publicar, precisamos continuar a registrar na literatura a evolução (ou involução) deste nosso mundo, as mudanças que a pandemia provocou, o “novo normal” com o qual teremos que conviver. Escritores do Brasil é a revista que registra o que os escritores brasileiros estão pensando e sentindo atualmente, como estão vendo o mundo que se descortina a nossa frente, como estão sobrevivendo com este novo “normal” que não se define, como estão vendo

as transformações pelas quais passamos e o que elas mudam em nós. Literatura é isso, é o registro da vida ao nosso redor e a revista do Grupo Literário A ILHA é espaço para que os escritores brasileiros registrem a sua cosmovisão e a transmitam aos leitores.

A revista está disponível em e-book na página do Grupo Literário A ILHA no facebook e no link https://issuu.com/gru-politerarioailha/docs/escritores_do_brasil_alta_42311e60b72e8f.





OLHAR DE POETA

CHRIS ABREU –
FLORIANÓPOLIS, SC

*Na verdade
Tudo é poesia
Desde o vaivém das marés
Até a louça suja na pia
Basta olhar
com olhos de poeta
Que de forma indiscreta
Expõe os mais íntimos segredos
Do parceiro, da viagem
Da sua própria vida*

*Ou de uma paisagem.
A poesia vem de fora pra dentro
E de dentro pra fora
As linhas de uma folha
Tornam-se rugas de uma
senhora
Feliz de quem consegue
Viver a vida em poesia
Senão, que se encarregue
De fazer a travessia
Para onde a poesia aflora.*





MENTE VAZIA

MARIA TERESA FREIRE
– CURITIBA, PR

A inspiração se foi. As ideias não chegam. A mente vazia nem reage. O olhar vazio recai sobre a folha em branco. Sobre a tela do computador sem palavras. A busca por um tema para escrever incessantemente continua.

A primeira frase se estrutura, mas não há continuidade. Torna-se difícil encontrar o modo como descrever algum sentimento. Procurar nos fatos recentes um impulso para relatar não encontra eco. Nos fatos passados? Todos tão narrados, descritos, analisados. Nas pessoas? Aquelas amadas, queridas

já poetizadas, cronizadas. Personalidades de textos vários articulados com entusiasmo, rapidamente, pois a mente corria cé-

lere à frente das mãos responsáveis pelas palavras que traduziam emoções. Agora, nada. Em que é possível fixar o pensamento para preencher as

linhas com atraentes descrições, empolgantes acontecimentos, contagiante amores, entristecidos desamores?

Na mente se forma a contundente percepção de que a inspiração não vem com o brilhante ou nebuloso alvorecer. Menos ainda com o impactan-





te ou acinzentado anoitecer.

Ela vem, simplesmente. Ela não vem, simplesmente.

Todavia não desaparece. Confunde-se com as brumas das reflexões sensoriais, escamoteia-se nas redes complicadas que compõem nosso organismo, escond-

de-se por trás dos nossos sentidos aguçados ou adormecidos.

Repentinamente, ela, a inspiração entra na nossa corrente sanguínea, estremece nossas veias e artérias, jorra por entre nossos dedos e por nossa mente surpreendida. Lança-se, ansiosamente,

por meio da caneta nas páginas em branco ou por meio dos toques nas teclas do computador.

E, num vai e vem de verbos, substantivos, adjetivos, advérbios e outros mais, a inspiração nos diz, sussurrante, que qualquer ideia simples é ela se manifestando. É ela transformando a mente vazia em criativa, em que a própria falta de inspiração é a razão para ser traduzida com vontade de descrever o que não se sente, não se vê, não se toca. O que não é.

De um momento para outro a folha branca se preenche, a tela se completa com recortes dos sentidos antes extasiados no nada, agora animados na completude da inspiração aleatória, solta e descompromissada.



MULHER!

LORENA ZAGO –
PRESIDENTE GETÚLIO - SC

*Do caos à sublimidade,
A tua luta primou.
Por incessantes tempos,
Um espaço galgou,
E à humanidade com exemplos
De amor pleno brindou.
És luz, aconchego, acalanto.
Em teus braços,
Um mundo exaure-se a cantar.*

*Da meiguice à determinação,
Compartilhas ao universo,
Acordes da mais sublime
canção.
Os sustenidos e os bemóis,
Contemplam o prelúdio
do amor incondicional.
A tua graça empresta à vida,
Vibrações de acolhida
e enlevo sem igual!*



FERNANDO PESSOA E SEUS OUTROS “EUS”



Fernando Pessoa, aos 10 anos em Durban/Africa do Sul

Nome completo: **Fernando Antônio Nogueira Pessoa.**

Idade e naturalidade: nasceu em Lisboa, freguesia dos Mártires, no prédio número 4 do largo de S. Carlos, em 13 de junho de 1888.

Filiação: filho de Joaquim de Seabra Pessoa e de D. Maria Madalena Pinho Nogueira.

Profissão: a designação mais própria será “tradutor”, a mais exata a de “correspondente estrangeiro em casas comerciais”. O ser poeta e escritor não constitui profissão

mas vocação.

Educação: em virtude de, falecido seu pai em 1893, sua mãe ter casado, em 1895, em segundas núpcias, com o comandante João Miguel Rosa, cônsul de Portugal em Durban [África do Sul], foi ali educado.

Levou uma vida anônima e solitária e morreu em 1935, vítima de uma cirrose hepática. Quando falamos desse genioso e genial artista, é necessário fazermos uma distinção entre todos os poemas que assinou com o seu verdadeiro nome (poesia ortônima) e todos os outros, atribuídos aos seus heterônimos: Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. A **questão da heteronímia** resulta de características pessoais referentes à personalidade de Fernando Pessoa: o desdobramento do “eu”, a multiplicação

de identidades e a sinceridade do fingimento, uma condição que patenteou sua criação literária e que deu origem ao poema que segue:

AUTOPSILOGRAFIA

O poeta é um fingidor.

Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,

Na dor lida sentem bem,

Não as duas que ele teve,

Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda

Gira, a entreter a razão,

Esse comboio de



retrato de Fernando Pessoa, por Almada Negreiros (1964)
[Coleção CAM, FCG, Lisboa]

corda

*Que se chama
coração.*

FERNANDO PESSOA E OS HETERÔNIMOS

Heterônimos ao contrário dos pseudônimos - vários nomes para uma mesma personalidade - os heterônimos constituem várias pessoas que habitam um único poeta. Cada um deles tem a sua própria biografia, sua temática poética singular e seu estilo específico. É como se

eus fragmentados e múltiplos explodissem dentro do artista, gerando poesias totalmente diversas. O próprio Fernando Pessoa explicou os seus heterônimos:

"Por qualquer motivo temperamental que me não proponho analisar, nem importa que analise, construí dentro de mim várias personagens distintas entre si e de mim, personagens essas a que atribuí poemas vários que não são como eu, nos meus

sentimentos e ideias, os escreveria.

Assim têm estes poemas de Caeiro, os de Ricardo Reis e os de Álvaro de Campos que ser considerados. Não há que buscar em quaisquer deles ideias ou sentimentos meus, pois muitos deles exprimem ideias que não aceito, sentimentos que nunca tive. Há simplesmente que os ler como estão, que é aliás como se deve ler."



Alberto Caeiro [Fernando Pessoa]

Alberto Caeiro foi venerado como mestre pelos outros heterônimos e até pelo seu criador, Fernando Pessoa. Nasceu em Lisboa em 16 de abril de 1889 mas

passou a vida no campo como "guardador de rebanhos". O seu rebanho, esclareceu num poema, eram os seus pensamentos, e os seus pensamentos eram sensações.

Pouco instruído, queria ver as coisas como elas são, sem filosofia.

De estatura média, louro e de olhos azuis, parecia menos frágil do que era. Morreu tuberculoso em 1915, aos 26 anos.

Ricardo Reis, num prefácio inacabado, escreveu: "A vida de Caeiro não pode narrar-se, pois que não há nela nada de que narrar. Seus poemas são o que houve nele de vida".

Álvaro de Campos nasceu em 15 de outubro de 1890, em Tavira, Algarve, terra da família do pai de Pessoa.

Segundo conta o poeta, este heterônimo teve "uma educa-



Álvaro de Campos [Fernando Pessoa], por Almada

ção vulgar de Liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente de onde resultou o 'Opiário'. Agora está aqui em Lisboa em inatividade".

Alto para a época (1,75, dois cm mais do que Fernando Pessoa), magro e "um pouco tendente a curvar-se", Campos era um "tipo vagamente de judeu português". Bissexual assumido e muito provocador, intrometia-se no namoro do seu criador com Ofélia Queirós.

Ricardo Reis, nas-

cido no Porto em 19 de setembro de 1887, estudou num colégio de Jesuítas, onde aprendeu latim e se formou em medicina. Estudou grego por conta própria.

Em carta a um amigo, Pessoa informa que Reis "vive no Brasil desde 1919, pois expatriou-se espontaneamente por ser monárquico, na sequência da derrota da rebelião monárquica do Porto contra o regime republicano". Numa outra carta define-o como um "Horácio grego que escreve em português".

De fato Reis compunha odes clássicas em que mesclava o estilo do poeta latino Horácio ao do grego



Ricardo Reis [Fernando Pessoa]

Anacreonte, e também assinou ensaios em defesa de um novo neopaganismo.

Bernardo Soares, na definição de Fernando Pessoa, era um "*semi-heterônimo*". Comparando-se a ele, o autor afirma: "*não sendo a personalidade a minha, é não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afetividade*".

Ajudante de guarda-livros em Lisboa, Soares escreve sobre o seu cotidiano anônimo e, principalmente, sobre a sua vida interior.



Bernardo Soares [Fernando Pessoa]

Não sabemos onde ou quando nasceu, mas no seu "Livro do Desassossego" informa que perdeu mãe e pai na infância e que um tio o trouxe da província para Lisboa. Morava num quarto da Baixa, na mesma rua onde trabalhava, num armazém de fazendas.

PERSONALIDADES LITERÁRIAS CRIADAS POR FERNANDO PESSOA

Além dos heterônimos, Fernando Pessoa criou dezenas de personalidades literárias, mais de cem delas, na verdade, como Charles Robert Anon (poeta e prosador de língua inglesa), Alexander Search (poeta, contista e ensaísta de língua inglesa), Joaquim Moura Costa (poeta satírico e militante republicano), Vicente Guedes (poeta, contista e jornalista), António Morá (filósofo, sociólogo



Fernando Pessoa, por Orlandeli

e teórico do neopaganismo), Raphael Baldaya (astrólogo e filósofo) e Barão de Teive (prosador suicida).

FERNANDO PESSOA SOBRE OS HETERÔNIMOS

"Tive sempre, desde criança, a necessidade de aumentar o mundo com personalidades fictícias, sonhos meus rigorosamente construídos, visionados com clareza fotográfica, compreendidos por dentro das suas almas. Não tinha eu mais que cinco anos, e, criança isolada e não desejando senão assim estar, já me acompanhavam



Heterônimos

algumas figuras de meu sonho – um capitão Thibeaut, um Chevalier de Pas – e outros que já me esqueceram, e cujo esquecimento, como a imperfeita lembrança daqueles, é uma das grandes saudades da minha vida.

Isto parece simplesmente aquela imaginação infantil que se entretém com a atribuição de vida a bonecos ou bonecas. Era porém mais: eu não precisava de bonecas para conceber intensamente essas figuras. Claras e visíveis no meu sonho constante, realidades para mim, qualquer boneco, por irreal, as estragaria. Eram gente.

Além disto. esta tendência não passou com a infância, desenvolveu-se na adolescência, radicou-se com o crescimento dela, tornou-se finalmente a forma natural do meu espírito. Hoje já não tenho personalidade: quanto em mim haja de humano, eu o dividi entre os autores vários de cuja obra tenho sido o executor. Sou hoje o ponto de reunião de uma pequena humanidade só minha.

Trata-se, contudo, simplesmente do temperamento dramático elevado ao máximo; escrevendo, em vez de dramas em atos e ação, dramas em almas. Tão simples é, na sua substância, este fenômeno aparentemente tão confuso. Não nego, porém – favoreço, até –, a explicação psiquiátrica, mas deve compreender-se que toda a atividade superior do espírito, porque

é anormal, é igualmente suscetível de interpretação psiquiátrica. Não me custa admitir que eu seja louco, mas exijo que se compreenda que não sou louco diferentemente de Shakespeare, qualquer que seja o valor relativo dos produtos do lado são da nossa loucura.

Médium, assim, de mim mesmo todavia subsista. Sou, porém, menos real que os outros, menos coeso [?], menos pessoal, eminentemente influenciável por eles todos. Sou também discípulo de Caeiro, e ainda me lembro do dia – 13 de Março de 1914 – quando,



Fernando Pessoa, por Liberratine



Retrato Fernando Pessoa, por Adolfo Rodríguez Castañé, (1912)

tendo "ouvido pela primeira vez" (isto é, tendo acabado de escrever, de um só hausto do espírito) grande número dos primeiros poemas do Guardador de Rebanhos, imediatamente escrevi, a fio, os seis poemas-intersecções que compõem a Chuva Oblíqua (Orpheu 2), manifesto e lógico resultado da influência de Caeiro sobre o temperamento de Fernando Pessoa."

- Fernando Pessoa (1935), no livro "Fernando Pessoa - Obras em prosa", Editora Nova Aguilar, 1985.

Fernando Pessoa

ele-mesmo é, só por si, um grande poeta do simbolismo e do modernismo, pela temática da evanescência, indefinição e insatisfação das coisas e dos seres, e pela inovação praticada por entre diversas sendas de formulação do discurso poético.

"Agora, tendo visto tudo e sentido tu-

do, tenho o dever de me fechar em casa no meu espírito e trabalhar, quanto possa, para o progresso da civilização e o alargamento da consciência da humanidade."

- Fernando Pessoa, em carta a Armando Côrtes-Rodrigues, de 19 de Janeiro de 1915.



Fernando Pessoa pelas ruas de Lisboa



AMAZONAS

TAMARA ZIMMERMANN FONSECA –
INDAIAL, SC

*As enormes praças.
O magnífico Teatro de Manaus.
A arte e a cultura!
O rio caudaloso e infinito.
O encontro das águas.
Os sons e a imensidão da mata.
Gigantescas árvores!
A quantidade de embarcações.
As moradias e comércios flutuantes.
A tribo e a dança de boas vindas
dos Cípias,
Moradores da enorme floresta
Amazônica,
Nas águas do Rio Negro,
o contato emocionante com o Boto
Cor de Rosa.
A visita ao INPA, o peixe Boi.*

*No pequeno espetáculo do
Garantido
e do Caprichoso
Os sabores e aromas.
O amazonense, alegre, gentil,
hospitaleiro!
Manaus, uma fonte de boas
energias!
Deus nos mostra perfeitamente
Que a vida é muito maior
Que qualquer problema que esteja
nos afligindo
Basta abrir os olhos, oxigenar o
cérebro
E perceber a linda obra de arte que
Deus
Carinhosamente fez para todos nós!
Amazonas, um paraíso nacional.*





A DESPEDIDA

**EDLTRAUD ZIMMERMANN
FONSECA – INDAIAL, SC**

Que dia dorido para o meu coração, vê-la saindo de nossas vidas.

Você chegou em 1974 e durante quarenta e sete anos vivemos momentos de alegria, risos, divertimentos, viagens, passeios, etc.

Através das rodovias: estrada de Santos a caminho do Rio de Janeiro, pelo litoral maravilhoso; BR 101 rumo a Santa Catarina ou Castelo Branco para Guareí, interior paulista, desfilavas garbosa e segura.

A família aumentou, cresceu, tendo você como testemunha e participação direta destes acontecimentos.

Linda, vestida de azul e branco, chamava a atenção e até o desejo de pose por quem a conhecia.

Minha rival declarada, paixão do Nilton, meu

marido, o único a tocá-la. Nestas aventuras não estávamos sós. Nossos filhos e seus amiguinhos nos acompanhavam festivamente.

Até que num dia do ano de 1984, em outubro, mês do seu aniversário, você foi “sequestrada” da



porta de nossa casa por um malfeitor que te abandonou destrozada na favela da Cachoeirinha, onde a encontramos perdida e abandonada, depois de cinco dias de incansável procura.

Foi um duro golpe para a família. Seus destro-

ços foram trazidos para a nossa casa.

De desgosto, o Nilton, meu esposo adoeceu e em poucos dias nós o perdíamos também.

Com o dinheiro do seguro, eu te trouxe de volta à vida, querida “KOM-BOSA”!

É de você que estou falando!

Com os anos você envelheceu e não tenho condições para restaurá-la. Hoje eu a vendi para um amigo, que sei, amará você.

Ao vê-la sobre o guincho, sendo conduzida para o novo lar, senti como se estivesse enterrando pela segunda vez meu marido Nilton.

Finalizo esta crônica com o coração doendo e os olhos cheios de lágrimas! Mas entendo que na vida tudo tem começo, meio e fim.





CAMINHA

ELSE SANT'ANNA BRUM –
JOINVILLE, SC

*Caminha, vai, dá mais um
passo,
Todas as grandes coisas
Começam pequeninas.
Toda grande jornada
começa com um passo.
Redime o pensamento de
fraqueza,
Deus te guiará.
Não olhes para trás,*

*nem pares no caminho.
Vês lá no fim da estrada
aquele arbusto pequenino?
Não é arbusto, não,
é a árvore mais alta que
encontrarás.
Senta-te à sombra dela e te dirá:
"Eu nasci de uma simples
sementinha!"*





CARTA NR 4 – DE MANUELITA PARA KATTY

**URDA ALICE
KLUEGER** – ENSEADA DE
BRITO – PALHOÇA, SC

Oi, Katty, penso que você vai se lembrar de mim. Sou aquela gatinha caçadora e gritadora que a Urda pegou para criar nos tempos de Blumenau, aquela do livro “Nossa família aumentou”. Lembrou, né? Então sabe que um dia a Urda me guardou dentro de uma caixa para gatos, me colocou no carro, e com o Atahualpa e uma mala veio embora para este lugar chamado Enseada de Brito. Fomos morar numa velha casa onde não havia quase nada dentro, e ficamos lá acampando alguns dias, para que eu me acostumassem ao novo ambiente. E

então chegou a mudança e foi uma coisa trágica: jamais poderia imaginar tal confusão invasão na vida de uma gatinha delicada como eu! Por sorte, descobri um lugar por onde passar que me levava ao forro da casa, e depois, diversas outras passagens, lá em cima, que permitiam que eu circulasse na mata dos fundos e nos quintais de alguns vizinhos, e lá passei um ano e oito meses. Só descia para a casa quando me sentia muito segura – na verdade,

só gostava da Dona Julita, a senhoria da casa, que sempre aparecia para uma visitinha, e de uma outra moça muito querida, que me chamava de Manu, e que eu permitia até que me pegasse no colo. A Urda punha minha comidinha numa prateleira bem alta e às vezes até chorava porque eu não queria mais nada com ela, mas para que é que ela me trouxe para este novo lugar? E ainda por cima, um mês depois, trouxe para casa um cachor-



rinho faminto, o Zorri-
lho – tá, era fácil para
mim me entender
com mais um cachor-
ro – afinal, antes de
vir para cá convivera
com o Atahualpa e o
CUSCO e nunca me
importei quando eles
quase se esgoelavam
de tanto latir para
mim. Não bastando
o cachorrinho, sabe
o que ela fez no outro
mês? Arranjou mais
uma gatinha, uma fi-
lhotinha de nada que
se chamou Domiti-
la, e aquilo foi a gota
d'água para azedar a
minha vida. Mais tar-
de veio a Tereza Ba-
tista, uma cachorrona
que sempre quis me
cheirar e que eu nun-
ca deixei – daí Tereza
Batista ficou foi amiga
de Domitila e até hoje
pensa que eu sou um
bicho muito estranho,
já que nunca me chei-
rou, e quando me vê
ou me presente de-
ixa sair do peito um
ronco que parece o
de um vulcão.

Bem triste foi a minha
vida naquela casa ve-
lha com esse bichare-

do, sem contar os in-
setos e outros bichos
que viviam no forro
da casa e na mata
circundante e no ca-
lorão do verão e no
frio do inverno naque-
le espaço inacessível
aos outros. É bem
verdade que a Domi-
tila e outros gatos da
vizinhança andaram
por lá, mas saiu todo



o mundo apanhando.
Daí, faz pouquinho
tempo, a Urda com-
prou uma outra casa
e fez tudo o que pode
para me amansar de
novo. Ganhei uma
casa de gato bem ma-
cia, que é uma toca
protegida e escura,
uma porção de agra-
dos, e tive que ficar
presa com Domitila

uma semana inteira
no quarto de visitas
com um cheirinho li-
gado à tomada, que
era para que a gente
não brigasse: acho
que aquilo era algo
como uma maconha
para gato. E depois
nos mudamos para a
casa nova, e aqui não
tem nenhuma abertu-
ra para eu passar para
o forro. A Urda cuidou
dos detalhes, separou
um pomar para gatos
e outro para cachor-
ros, mandou fazer
uma escadinha de
gato para que a gente
pudesse entrar pela
janela do quarto dela,
fez um ambiente com
a minha toca e comi-
dinhas no *closed*, e
havia que se acostu-
mar. Mesmo assim
relutei um bocado,
voltei diversas vezes
para a casa velha,
passando por dentro
da mata por caminhos
que só eu sei, muito
diferente de Domitila,
que passa pela praia
e surra os cachorros
que aparecem. Sou
uma gata muito fina
para essas baixarias.

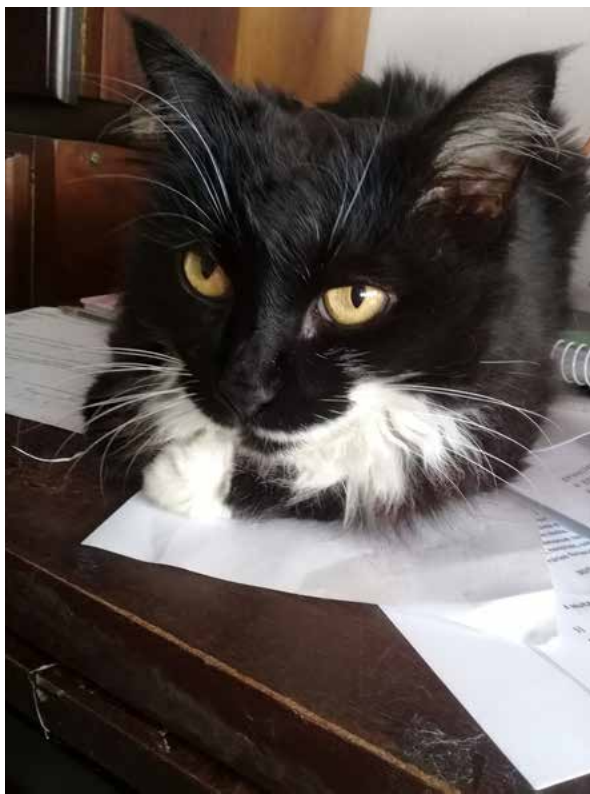
Na outra casa agora não tem mais nada, e como a Urda sempre ia me buscar de volta, acabei me acostumando com a nova vida. É bem legal dormir, de novo, na cama que já foi minha, principalmente neste frio que está fazendo, e me encostar na Urda para me esquentar. É verdade que do outro lado a Domitila também se encosta, mas com o maior respeito, senão eu faço “Fiiizz” para ela e ela se manda. Atahualpa também não gosta muito de Domitila – ele sempre foi o meu cachorro, faltava agora que mudasse de lado. Dormimos os quatro juntos, já que os outros cachorros dormem no escritório, e começou uma nova fase na minha vida nesta casa cheia de sol e vento, com suas tantas janelas e com um pomar de gatos que na verdade é meu. Domitila é uma cachorrista; passa o dia com os cachorros

e sei que de manhã dorme sobre a mesa da sala de jantar, porque bate sol bem ali, o que faz com que a Urda corra a trocar a toalha da mesa a cada vez que chega uma visita.

Pois é, Katty, só queria dar umas notícias e dizer que a vida voltou a ficar boa. Preocupou-me um pouco porque Atahualpa está ficando bastante

velho, mas ele ainda corre, galopa e atravessa os ribeirões que saem na praia até nadando, o que me faz pensar que teremos ainda muito tempo para sermos felizes. Então deixo um “mio” bem delicado para você e fico aguardando sua visita.

Grande carinho,
Gata Manuelita
Saens Klueger



DRUMMOND DESCOBRE CORALINA

YULA JORGE - FLORIANÓPOLIS, SC

Quando li o texto do colega Paulo Clóvis, no Notícias do Dia (sobre as cartas de Drummond a sua mãe), voltei, transportada por deliciosas lembranças, à Casa da Ponte de Cora Coralina, que como já disse, foi onde nasceu minha avó e onde passei parte da infância. Ele disse que “receber cartas de um poeta como Drummond equivalia a ganhar na loteria - uma sorte que contempla muito pouca gente”.

Pois não sei se vocês sabem, Drummond e Cora tinham um amor literário explícito em lindas cartas. Ele foi quem lançou as obras dela aos olhos do Brasil, quando publicou a primeira carta a ela em um jornal, pois não tinha o seu endereço. Eu tinha apenas sete anos, mas lembro-me do rebuliço de emoções que isso causou na minha família. Um dia depois da publicação, já pipo-



cavam repórteres na Casa de Goiás Velho.

“Cora Coralina, não tendo seu endereço, lanço estas palavras ao vento, na esperança de que ele as deposite em sus mãos. Admiro e amo você como alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do teu Goiás! Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina. Todo o carinho, toda a admiração do

seu Carlos Drummond de Andrade.”

(Yula é neta de Cora Coralina)

CONSIDERAÇÕES DE ANINHA

CORA CORALINA

*Melhor do que a criatura,
fez o criador a criação.*

*A criatura é limitada.
O tempo, o espaço,
normas e costumes.*

Erros e acertos.

A criação é ilimitada.

Excede o tempo e o meio.

Projeta-se no Cosmos

LITERARTE

HOMENAGEM PELO BICENTENÁRIO DE MARIA FIRMINA DOS REIS

O Institut Cultive Suisse Brésil e a Editions Cultive com o apoio da Academia Ludovicense de Letras - Casa Maria Firmina dos Reis; Casa do Poeta brasileiro de Praia Grande, SP convidam você a participar desse importante momento em que faremos da primeira romancista brasileira Maria Firmi-

na dos Reis.

O livro é uma homenagem por ocasião do bicentenário de nascimento de Maria Firmina dos Reis. Os textos inscritos passam por uma pré seleção, os selecionados entram no livro e concorrem ao Prêmio Maria Firmina dos Reis. O lançamento será em São Luiz do Maranhão. Bai-

xe o edital e siga as instruções, em www.institut-cultive.com.



ANTOLOGIA DO GRUPO LITERÁRIO A ILHA

Vem aí uma nova antologia do Grupo Literário A ILHA, a sair pelas Edições A ILHA. Será um livro eclético, com

vários gêneros: poemas, crônicas, contos. Estarão nas suas páginas os escritores do Grupo Literário A ILHA que têm publicado nas revistas Suplemento Literário A ILHA e Escritores do Brasil. Serão convidados os mais assíduos e a antologia pretende reunir uma boa amostra da obra de cada um. Será um documento da produção atual de nossos

escritores. A intenção era lançar em junho, no aniversário do Grupo A ILHA, mas se não for possível, faremos o lançamento mais para meados do segundo semestre. A mais recente antologia do grupo foi POETAS DA ILHA, com poemas de Júlio de Queiroz, Luiz Carlos Amorim, Maura Soares, Cláudia Kalafátas, Marli Lúscica Lisbôa (Bulucha) e Rita Marília.

